



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS DE IMPERATRIZ
UNIDADE PROF. JOSÉ BATISTA DE OLIVEIRA
CURSO DE PEDAGOGIA

MAXIANDETTH SANTOS DE OLIVEIRA

MEMORIAL DE FORMAÇÃO: SABERES E FAZERES DE UMA EDUCADORA EM
FORMAÇÃO

Imperatriz
2025

MAXIANDETTTH SANTOS DE OLIVEIRA

**MEMORIAL DE FORMAÇÃO: SABERES E FAZERES DE UMA EDUCADORA EM
FORMAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso, em formato de Memorial de Formação, apresentado ao curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão, Centro de Ciências de Imperatriz Unidade Professor José Batista de Oliveira, para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. José Edilmar de Sousa

Imperatriz
2025

Oliveira, Maxiandetth Santos de.

Memorial de Formação: : saberes e fazeres de uma educadora em formação / Maxiandetth Santos de Oliveira. - 2025.

63 f.

Orientador(a): José Edilmar de Sousa.

Curso de Pedagogia, Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, 2025.

1. Memorial de Formação. 2. Identidade Docente. 3. Maternidade. I. Sousa, José Edilmar de. II. Título.

MAXIANDETTTH SANTOS DE OLIVEIRA

**MEMORIAL DE FORMAÇÃO: SABERES E FAZERES DE UMA EDUCADORA EM
FORMAÇÃO**

Aprovada em: 08/03/2025

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Edilmar de Sousa
Universidade federal do maranhão – UFMA

Profa. Dra. Francisca Melo Agapito
Universidade federal do maranhão – UFMA

Profa Dra. Herli de Sousa Carvalho
Universidade federal do maranhão – UFMA

Aos meus filhos, André Santos de Oliveira
e Déborah Santos de Oliveira, minha
maior fonte de inspiração e força.

AGRADECIMENTOS

Antes de tudo, preciso reverenciar e dar graças ao meu Deus pelo dom da vida, por ter me criado de uma maneira tão incrível e admirável e por me sustentar até hoje me permitindo ser uma eterna aprendiz da vida e que não poderia expressar isso de maneira melhor do que na escrita deste Memorial de Formação que, em sua narrativa evidencia o cuidado de Deus em toda minha trajetória.

Aos meus pais, Isaías Alves da Silva Santos e Mirian Silva Santos. Por serem os canais que Deus usou para me trazerem ao mundo e por seu cuidado e preocupação com minha criação e estudos mesmo em condições adversas. Especialmente, ao meu pai, pois não esqueço de todas as vezes que até pegou dinheiro emprestado para eu poder ir de ônibus para escola. Amo vocês.

Aos meus filhos, André Santos de Oliveira e Déborah Santos de Oliveira, meus motivos, pois, graças à sua existência, eu pude extrair forças de onde não tinha para me reerguer. E por serem sempre crianças compreensivas e amorosas, tudo que faço é, e sempre será, por vocês.

Ao meu Professor e Orientador José Edimar de Sousa, por acreditar em mim e me guiar pacientemente ao longo deste processo. Nos momentos em que a ansiedade e a incerteza tomaram conta, diante da imensidão de pensamentos e emoções que surgiam durante a escrita, sua orientação trouxe calma e motivação. Suas palavras foram um impulso essencial para que eu seguisse em frente e avançasse nesta jornada.

Às minhas amigas, Mayza Kelly Lopes de Castro e Ruth Ferreira Oliveira Brito, por estarem sempre ao meu lado, me apoiando incondicionalmente. Pela cumplicidade em compartilhar minhas dores e por celebrarem comigo cada conquista ao longo desta caminhada.

Aos amigos que direta e indiretamente fizeram parte da minha trajetória.

Aos amigos que fiz na universidade, por seu carinho e compreensão.

Aos professores que marcaram a minha trajetória de vida e que foram minha inspiração.

Aos professores da UFMA, que contribuíram muitíssimo para a minha formação.

Aos meus alunos que me propiciaram o prazer de ensiná-los e nos divertirmos juntos.

A todos que, de alguma forma, fizeram parte da minha jornada, deixando sua marca e contribuindo para que eu me tornasse a pessoa que sou hoje. Gratidão!

Ninguém caminha sem aprender a caminhar,
sem aprender a fazer o caminho caminhando,
refazendo e retocando o sonho pelo qual se pôs
a caminhar.

(Paulo Freire, Pedagogia da Esperança, 1997)

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), escrito em formato de Memorial de Formação, tem por objetivo narrar a trajetória enquanto educadora em formação. O Memorial faz uma relação das narrativas da educação básica e as vivências na universidade durante o curso de Pedagogia, especialmente nos estágios supervisionados. Relaciona também a vida pessoal, com aprendizados e desafios e a função de mãe solo atuando como professora, evidenciando como os conhecimentos teóricos e práticos se entrelaçam na construção da identidade docente. Foi feito um diálogo com autores como Josso, Moura e Passeggi que fundamentam a pesquisa e escrita do Memorial, além de Soares ao se tratar sobre os métodos alfabetizadores. A metodologia da pesquisa é de natureza qualitativa e autobiográfica, fundamenta-se na análise das memórias, desafios e aprendizagens construídas no percurso acadêmico e nas práticas pedagógicas, que embasam este trabalho. O estudo reforça a importância do memorial como um instrumento de reflexão e autoformação, destacando a intersecção entre vida pessoal, acadêmica e profissional no desenvolvimento do educador. Ao revisitar as experiências, percebo como cada etapa da formação contribuiu para o desenvolvimento da identidade docente, fortalecendo a compreensão sobre o papel do professor e sua influência na construção do conhecimento. Assim, este trabalho reafirma a importância da escrita autobiográfica como um exercício reflexivo e formativo, permitindo que educadores reconheçam e valorizem os saberes adquiridos ao longo de sua caminhada, impulsionando sua prática pedagógica e seu crescimento contínuo.

Palavras-chave: Memorial de formação. Trajetória acadêmica. Identidade docente. Maternidade.

ABSTRACT

This Course Completion Paper (TCC), written in the format of a Formation Memoir, aims to narrate the trajectory of my journey as an educator in training. The memoir establishes a connection between my experiences in basic education and my academic journey at the university during the Pedagogy course, especially in supervised internships. It also relates my personal life, encompassing learning, challenges, and the role of a single mother working as a teacher, highlighting how theoretical and practical knowledge intertwine in the construction of my teaching identity. A dialogue was established with authors such as Josso, Moura, and Passeggi, who support the research and writing of the memoir, as well as Soares, in discussions on literacy methods. The research methodology is qualitative and autobiographical in nature, based on the analysis of memories, challenges, and learning processes built throughout the academic journey and pedagogical practices that support this study. The research reinforces the importance of the memoir as a tool for reflection and self-formation, emphasizing the intersection of personal, academic, and professional life in the educator's development. By revisiting my experiences, I recognize how each stage of my training contributed to the development of my teaching identity, strengthening my understanding of the teacher's role and its impact on knowledge construction. Thus, this study reaffirms the importance of autobiographical writing as a reflective and formative exercise, allowing educators to acknowledge and appreciate the knowledge acquired throughout their journey, enhancing their pedagogical practice and continuous growth.

Keywords: Memorial of training. Academic trajectory. Teacher identity. Maternity.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CE	Centro de Ensino
CEFET	Centro Federal de Educação Tecnológica
EBD	Escola Bíblica Dominical
EJA	Educação de Jovens e Adultos
IFMA	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão
SENAC	Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UEMASUL	Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão
UI	Unidade Integrada
UNED	Unidade de Ensino Descentralizada
UFMA	Universidade Federal do Maranhão

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Viagem à Lagoa da Confusão – Turma do Ensino Médio	29
Figura 2 - Contação de história no culto infantil e Escola Bíblica Dominical (EBD)	34
Figura 3 - Foto com colegas do curso de Ciências Biológicas	37
Figura 4 - André com seus primeiros livros lidos	41
Figura 5 - Samuel e eu	46
Figura 6 - Visita à UFMA no estágio em Gestão	49
Figura 7 - Turma Jardim II no Estágio Educação Infantil	51
Figura 8 - Turma do terceiro ano no Estágio Anos Iniciais.....	53
Figura 9 - Escrita Déborah	55
Figura 10 - Turma do Terceiro ano do Ensino Fundamental	57

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 MINHAS RAÍZES EDUCACIONAIS: COMO TUDO COMEÇOU.....	17
2.1 Primeiros passos na Educação e o Ensino Fundamental	19
2.2 O Ensino Médio integrado ao Curso Técnico.....	26
3 MATERNIDADE E EDUCAÇÃO: DESAFIOS E CONQUISTAS.....	32
3.1 A paixão pela educação e a tentativa de retornar aos estudos	34
3.2 Separação, a Maternidade solo e Recomeço	39
4 A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE: O CAMINHO PARA ME TORNAR EDUCADORA	44
4.1 Os desafios da jornada acadêmica e as primeiras experiências profissionais	45
4.2 Estágios supervisionados e sua contribuição para a formação docente	47
4.3 Desafios e conquistas na minha trajetória profissional	54
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	61
REFERÊNCIAS	63

1 INTRODUÇÃO

A formação docente é um processo contínuo que envolve a construção de conhecimentos, a vivência de experiências práticas e a reflexão sobre os desafios enfrentados ao longo da trajetória acadêmica e profissional. Neste trabalho, que configura-se como Memorial de Formação, tenho como objetivo narrar e refletir sobre a minha trajetória de formação como mãe e educadora em processo de formação. Trata-se de um memorial de caráter reflexivo e descritivo, no qual reflito sobre os desafios, aprendizagens e superações vivenciados ao longo dessa jornada, marcada pela conciliação entre múltiplos papéis, tais como: o de mãe, estudante e futura profissional da educação.

Como fio condutor deste memorial me oriento pela seguinte questão: De que maneira a minha trajetória acadêmica e a maternidade influenciaram a formação como educadora? A partir desta questão estabeleci o seguinte Objetivo Geral: Discutir sobre a trajetória de formação e os aprendizados adquiridos no processo de construção da identidade docente. Tendo como objetivos específicos: Relatar as experiências vivenciadas durante a formação inicial; compreender o impacto da maternidade no desenvolvimento da identidade docente e os desafios encontrados e descrever a construção da identidade docente ao longo do percurso existencial.

A metodologia adotada neste trabalho é de natureza qualitativa e autobiográfica, fundamentada na análise das memórias e experiências pessoais. Para isso, foram considerados registros acadêmicos, vivências adquiridas ao longo do curso de Pedagogia e a aplicação dos conhecimentos teóricos na prática docente. Dessa forma, o estudo busca não apenas descrever os desafios e aprendizados vivenciados, mas também analisar como essas experiências contribuíram para o desenvolvimento da identidade profissional.

Ao ingressar no Curso de Pedagogia já refletia sobre o meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e buscava um tema que fosse inovador e significativo. Diversas possibilidades surgiam, mas a dificuldade em definir um foco me fazia reconsiderá-las constantemente. Na metade do curso, cheguei a escolher um tema e tinha convicção de que seguiria com ele. No entanto, por volta do sétimo período, ouvi falar sobre a opção de escrever um Memorial de Formação, algo até então desconhecido para mim como TCC. A proposta despertou curiosidade, mas eu entendia que minha trajetória pessoal não ofereceria um campo de problematização relevante o suficiente para um trabalho acadêmico.

Foi apenas no oitavo período que decidi abrir mão do tema inicial e, durante a disciplina de Seminário Temático III, com o professor José Edilmar, resolvi que meu TCC tomaria a forma

de um Memorial de Formação. Encarei essa escolha como um desafio, como uma oportunidade de revisitar a caminhada até aqui, analisando os desafios e conquistas que me trouxeram até aqui. Além disso, meu perfil introspectivo e reflexivo contribuiu para essa decisão, pois me permitiu olhar para trás e reconhecer o quanto essa trajetória foi marcada por caminhos que não imaginei trilhar, superações e realizações que, em outros momentos, pareciam distantes.

Moura (2023, p. 78) nos diz que “O Memorial de Formação não é nada fácil, suscita emoções diversas e faz o escritor colocar-se em reflexão, e isso é algo demorado, ou até mesmo rejeitado por muitas pessoas”. Esse tipo de produção exige um mergulho nas próprias memórias, levando à reconstrução da trajetória pessoal e profissional a partir da análise crítica de experiências, desafios e aprendizagens. No entanto, muitos encontram dificuldades nesse percurso, seja pelo receio da exposição, seja pelo temor de revisitar momentos marcantes de sua história. Assim, a elaboração de um Memorial requer sensibilidade, tempo e disposição para explorar sua própria trajetória de forma significativa e reflexiva.

O Memorial de Formação tem como objetivo refletir sobre a trajetória pessoal, acadêmica e profissional por meio da rememoração de experiências vividas e da análise crítica de processos formativos. Ao se falar sobre a escrita do Memorial de Formação é importante trazer a explicação de um termo pouco conhecido, mas que se relaciona com esse modelo de escrita, a autopoiese. Um conceito frequentemente utilizado para explicar processos de autonomia e autoformação em seres vivos, sistemas sociais, e, precisamente, para este trabalho, na aprendizagem experiencial e no desenvolvimento pessoal, um “produzir a si mesmo” em que o indivíduo é visto como um agente ativo de sua própria construção e transformação. Neste caso, utilizo esse conceito para enfatizar meu processo autopoietico pois, as experiências que aqui serão compartilhadas, contribuíram para a minha identidade pessoal e profissional. Não apenas absorvi conhecimentos, mas eu os reelaborei ajustando às necessidades impostas e na construção do meu caráter formativo.

A escrita do memorial é uma narrativa de si, o que Josso (2004, p. 59) denomina de “caminhar para si”. E em suas palavras ela discorre:

O processo de caminhar para si apresenta-se, assim, como um projeto a ser construído no decorrer de uma vida, cuja atualização, consciente passa, em primeiro lugar, pelo projeto de conhecimento daquilo que somos, pensamos, fazemos, valorizamos e desejamos na nossa relação conosco, com os outros e com o ambiente humano e natural. Esse conhecimento de si não se especializa em um ou em vários dos registros das ciências do humano; tenta, pelo contrário, apreender as suas complexas imbricações no centro da nossa existencialidade. Procura, pois, envolver os nossos diferentes modos de estar no mundo, de nos projetarmos nele e de o fazermos na proporção do desenvolvimento da nossa capacidade para multiplicar, alargar, aprofundar as nossas sensibilidades para nós mesmos e para o mundo, para questionar as nossas categorias mentais na medida que se inscrevem numa historicidade e cultura.

O trecho citado acima aborda o “caminhar para si” como um processo contínuo, que ocorre ao longo da vida, que não se restringe a áreas específicas, mas que perpassam por diferentes dimensões da nossa existência e envolve uma constante e consciente atualização de quem somos para com nós mesmos e com os outros.

As histórias de vida, a aprendizagem experiencial e o ato de rememorar estão intimamente ligados ao processo de construção da identidade e à compreensão do percurso pessoal. Mediante a recordação, o indivíduo reconstitui o passado, buscando sentido nas experiências vividas, dando forma a sua trajetória e estabelecendo conexões entre as memórias e o presente. Assim, através da análise e interpretação das histórias de vida é possível perceber aspectos fundamentais sobre a identidade e que é uma construção dinâmica, formada por vários caracteres e fluida ao longo do tempo. Segundo Josso (2007, p. 415), “Trabalhar as questões da identidade, expressões de nossa existencialidade, através da análise e da interpretação das histórias de vida escritas, permite colocar em evidência a pluralidade, a fragilidade e a mobilidade de nossas identidades ao longo da vida”. O ato de contar e refletir sobre sua identidade permite ao indivíduo observar que sua identidade não é fixa ou imutável, mas uma expressão de quem é, e que se transforma ao longo de suas vivências e circunstâncias.

Ao narrar sua história de vida, o sujeito realiza uma reflexão crítica sobre suas experiências de vida aliada à escrita autobiográfica. Entretanto, não basta pensar o ato de rememorar como uma mera “nostalgia” para o autor-ator, aquele que escreve sua própria história, pois existem outros aspectos relevantes que são desencadeados ao vivenciar a experiência da autobiografia, como prossegue Josso (2007, p. 416) quando reflete sobre abordar a vida das pessoas na globalidade da sua história:

Uma outra constatação importante, efetuada pela mediação da pesquisa com histórias de vida, evidencia a exigência metodológica de pensar as facetas existenciais da identidade através de uma abordagem multireferencial que integra os diferentes registros do pensar humano (as crenças científicas, crenças religiosas, esotéricas), assim como as diferentes dimensões de nosso ser no mundo. Se abordamos a vida das pessoas na globalidade de sua história, as variações dos registros nos quais elas se exprimem, e as múltiplas facetas que elas evocam de seu percurso, é realmente difícil não tomar consciência das sinergias positivas ou negativas entre as dimensões psicossomáticas, psicológicas, sociológicas, antropológicas, sociohistóricas, espirituais, por exemplo, que intervêm na expressão evolutiva da existencialidade e, assim, da identidade.

De maneira que para compreender amplamente o desenvolvimento da identidade de um indivíduo, é crucial integrar diferentes concepções e registros do pensamento humano, o arcabouço que foi necessário para a construção do indivíduo em formação, desde as crenças

científicas até as religiosas e esotéricas, necessitando utilizar uma perspectiva metodológica ampla e integrativa.

Aprender com as experiências não é meramente ser capaz de resolver problemas ou questões que surgem ao longo da vida, porém, como Josso enfatiza, “ter a capacidade de resolver problemas, mas acompanhada de uma formulação teórica e/ou de uma simbolização” (Josso, 2004, p. 39). Ao colocar o indivíduo no centro de sua própria experiência de aprendizado, essa metodologia permite que ele construa conhecimento de maneira ativa, tornando o processo mais significativo e aplicável ao seu desenvolvimento pessoal e profissional. Um sujeito aprendente, onde o pesquisador também é o sujeito da pesquisa.

A aprendizagem experiencial possibilita ao indivíduo integrar o aprendizado proveniente de suas experiências práticas com as teorias e conceitos que estudou. Josso, ressalta que “se a aprendizagem experiencial é um meio poderoso de elaboração e de integração do saber-fazer e dos conhecimentos, o seu domínio pode tornar-se um suporte eficaz de transformações” (Josso, 2004, p. 41).

Através da escrita autobiográfica, o indivíduo tem a possibilidade de um encontro consigo mesmo, revisitar suas memórias e o percurso que fez e com isso uma nova perspectiva do seu desenvolvimento. Com esta escrita, o indivíduo tem a possibilidade de, ao mesmo tempo, ter na sua própria história o objeto e ser sujeito da pesquisa, que é também o agente principal da sua própria formação. Josso enfatiza que “todo conhecimento é autoconhecimento e toda formação é autoformação” Josso (2004, p. 14). O processo de aprender e se desenvolver está profundamente enraizado no indivíduo e em sua capacidade de se compreender e se transformar. Dessa maneira, não trata-se apenas dos conhecimentos que se irá adquirir ao longo da vida, mas como nos relacionamos com o que é aprendido e realizamos a partir daí.

Este trabalho está dividido em três capítulos. No primeiro capítulo narro sobre minhas origens e a trajetória educacional até o Ensino Médio. No segundo capítulo, dedico à narração sobre a maternidade e os desafios que com ela vieram, inclusive a maternidade solo. Narro sobre as tentativas de retorno aos estudos, e como se deu o ingresso no curso de Pedagogia. No terceiro capítulo, discorro sobre a trajetória durante o curso de Pedagogia, os estágios obrigatórios e sobre a inserção no mercado de trabalho mesmo ainda estando na graduação. Ademais, neste trabalho, rememoro toda a trajetória com a perspectiva de refletir sobre os caminhos percorridos, os desafios superados e os aprendizados adquiridos ao longo da minha formação.

2 MINHAS RAÍZES EDUCACIONAIS: COMO TUDO COMEÇOU...

Neste capítulo, apresento os primeiros contatos que tive com a educação, bem como aspectos fundamentais da minha história familiar e pessoal, que foram determinantes para minha formação. Ao revisitar essas lembranças, percebo como cada experiência, desde a infância até a adolescência, contribuiu para a construção da pessoa e da profissional que sou hoje. O ambiente familiar, as relações estabelecidas com colegas e professores e os desafios enfrentados ao longo dos anos moldaram a visão sobre o mundo e sobre o papel da educação em minha vida.

Começo fazendo uma breve menção às origens dos meus pais, Isaías Alves da Silva Santos e Mirian Silva Santos. Meu pai natural de Poção de Pedra e minha mãe de Açailândia, ambos do Maranhão. No entanto, meus avós maternos eram naturais do Piauí, e meu avô tinha ascendência indígena. Mais tarde, eles se estabeleceram no Maranhão por um longo período antes de se mudarem para a cidade de Ulianópolis, no Pará.

Meus pais se conheceram ainda na infância, pois moravam no mesmo bairro e frequentavam a mesma igreja. As famílias já possuíam um vínculo próximo, consolidado pelo casamento dos meus tios: tio Raimundo, irmão da minha mãe, e tia Maria, irmã do meu pai. Ainda muito jovens, meus pais começaram a se interessar um pelo outro, mas enfrentaram a resistência do meu avô materno, que não aceitava a união. Diante disso, decidiram fugir para poder se casar. Inicialmente, vieram para Imperatriz, onde permaneceram por uma semana, mas, devido à idade dela, que ainda era menor, não puderam oficializar a união na cidade. Assim, seguiram para João Lisboa, onde finalmente se casaram em 27 de maio de 1991. Na época, meu pai tinha dezenove anos e minha mãe, apenas quinze.

Meus pais tiveram acesso limitado à educação formal. Meu pai estudou até a quarta série, mas grande parte de seu aprendizado ocorreu de maneira informal, em casa, com a ajuda de sua irmã mais velha. Meu avô comprava os livros e ela se encarregava de ensiná-lo. Somente em 2008, através da Educação de Jovens e Adultos (EJA), ele conseguiu retomar os estudos e concluir o Ensino Médio. Já minha mãe estudou até a terceira série e, após isso, não teve mais oportunidades de continuar seus estudos.

Ainda muito jovens, meus pais iniciaram a vida juntos de maneira simples, morando no bairro Pequiá, em Açailândia. Logo, ela descobriu que estava grávida de mim, sua primogênita. A notícia trouxe alegria, mas também muitos receios, especialmente para ela, que, com apenas dezesseis anos, ainda enfrentava a rigidez dos pais por ter se casado sem permissão. No entanto,

eles começaram a sonhar com a minha chegada, e a primeira demonstração desse sonho foi a escolha do meu nome.

Inicialmente, meu pai queria me chamar de Mileide, inspirado por um filme de época europeu no qual ouviu a expressão "Mi Lady". Encantado com o som, decidiu que, quando tivesse uma filha, esse seria seu nome. No entanto, a escolha foi criticada pela família. Diante disso, ele resolveu criar um nome próprio, já que nenhuma das sugestões foi aceita. Pesquisando em um almanaque de nomes, encontrou "Maximiliano" e decidiu extrair "Max" como base. A partir daí, combinou letras até chegar a um nome que lhe agradou: Maxiândetth. Ao apresentá-lo à minha mãe, ela também aprovou, e assim nasceu meu nome, único e especial. Em 17 de dezembro de 1992, na cidade de Açailândia, Maranhão, no Hospital Santa Luzia, nasci às 12h de parto normal. Meu nome de registro é Maxiândetth Silva Santos, porém, ao me casar, meu nome alterou-se para Maxiandetth Santos de Oliveira, e por questões burocráticas, permaneci com este, mesmo após o divórcio.

Nos meus primeiros anos de vida, nossa família morou no bairro Pequiá, também em Açailândia, até 1996, período do qual não guardo lembranças. Neste ano, nos mudamos para a cidade de Buriticupu, mais especificamente para a zona rural, no povoado Cajueiro. Foi ali que as primeiras memórias começaram a se formar. O tempo vivido no povoado me permitiu estreitar os laços com familiares, como tios e primos, vínculos que permanecem fortes até hoje, mesmo morando distantes uns dos outros. Nossa vida era bastante simples, baseada no trabalho na roça, de onde meu pai e meus tios tiravam o sustento da família. Enquanto isso, minha mãe se dedicava a cuidar de mim e dos meus irmãos. Naquela época, éramos três crianças, e apenas em 1999 a filha mais nova viria ao mundo.

As recordações desse período são fragmentadas, mas carregam um grande valor afetivo. Lembro-me das noites em família, reunidos na cozinha sob a luz de uma lamparina rústica, ou no terreiro, sentados ao redor de uma fogueira, onde os adultos conversavam e as crianças brincavam. Recordo-me das canções que ouvia na radiola enquanto balançava na rede, da experiência de lavar louça sobre um jirau porque ainda era pequena demais para alcançá-lo, e da imagem da minha mãe pisando arroz no pilão para preparar o cuscuz.

Uma lembrança especial é o aniversário de quatro anos do meu irmão, que nasceu depois de mim e, infelizmente, veio a falecer. Minha mãe preparou um bolo simples, feito com trigo e coberto com uma calda de leite condensado misturado a suco em pó para dar cor. A comemoração foi modesta, mas muito significativa com a presença de amigos e primos. Recordar esse momento aquece meu coração, pois me conecta a um tempo de simplicidade e felicidade genuína.

Ao revisitar minha história, percebi que as narrativas de familiares divergiam em alguns detalhes, mas se complementam. Assim, buscarei relatar esta trajetória com base nas minhas próprias memórias, enriquecidas por relatos de meus pais e primos.

2.1 Primeiros passos na educação e o Ensino Fundamental

As primeiras lembranças escolares remetem ao povoado Cajueiro, onde existia uma escola humilde, construída de taipa, com bancos de madeira rústica e uma classe única. Os professores, na época, tinham formação muito básica. Um exemplo disso era tia Antonia, que estudou apenas até a segunda série, mas foi pioneira no ensino das crianças da comunidade.

O modelo de ensino adotado seguia uma abordagem tradicional, característica predominante ao longo da minha trajetória educacional. Nesse modelo de ensino, o professor estava no centro, com uma forma de “relacionamento vertical”. Aulas expositivas, com predomínio de exercícios para fixação dos conteúdos, assim como leituras repetidas e cópias, definições trazidas por Aranha (1996). Neste período, fazia-se uso da cartilha do ABC para ensinar o alfabeto e da tabuada para decorar as operações matemáticas. Como forma de disciplina, ainda era comum o uso da palmatória ou o castigo de ficar ajoelhado no canto da sala.

Estudar naquela época era um desafio ainda maior, pois a escola era longe e os estudantes chegavam a percorrer 15 km para chegar à escola. O ensino era mais rigoroso, semanalmente, havia um dia específico destinado à cobrança da leitura da cartilha e da tabuada, ao final do ano, o critério utilizado para passar de ano era se o aluno aprendeu a ler, escrever e calcular. A escola oferecia turmas a partir da 1ª série, por esse motivo, não cheguei a estudar nela no período em que morei no povoado.

Meu pai também lecionou no povoado por um curto período, oferecendo aulas particulares. Foi com ele que tive o primeiro contato com o alfabeto e os números. Ele usava uma folha de caderno com um furo no meio, destacando uma letra por vez e cobrindo as demais para que eu as identificasse corretamente.

Ao refletir sobre o método que ele empregava, percebo como a discussão sobre os métodos de alfabetização sempre esteve presente no campo educacional, buscando determinar qual seria o mais eficaz. No entanto, Magda Soares (2016) nos convida a refletir não sobre um único “método de alfabetização”, mas sobre a importância de “alfabetizar com método”. Segundo a autora, isso significa “orientar a criança por meio de procedimentos que,

fundamentados em teorias e princípios, estimulem e orientem as operações cognitivas e linguísticas que progressivamente a conduzam a uma aprendizagem bem sucedida e da escrita em uma ortografia alfabética”. (Soares, 2016, p. 331). O método utilizado por meu pai era simples, sem recursos pedagógicos sofisticados, mas, dentro de sua intuição e prática, mostrou-se eficaz para o meu aprendizado.

Em 1998, mudamos para a cidade de Buriticupu, no bairro Terra Bela. Nossa casa era simples, de taipa, com chão de barro batido, mas minha mãe sempre manteve tudo muito limpo e organizado. Nessa fase, as lembranças se tornam mais nítidas. Lembro das brincadeiras de rua com os vizinhos, como pega-pega, esconde-esconde, queimada, elástico e manchete, que aconteciam tanto de dia quanto à noite, enquanto nossos pais conversavam na frente de casa ou assistiam televisão.

Foi no bairro Terra Bela que passei a frequentar a primeira escola particular, a escola da Tia Neta, localizada perto de casa. O ambiente era acolhedor, inicialmente funcionando em um cômodo de sua própria residência, até que ela conseguiu expandir para uma sala ao lado. Diferente do povoado Cajueiro, percebi que a metodologia de ensino da Tia Neta era mais estruturada. Não sei ao certo qual sua formação acadêmica, mas ela demonstrava maior preparo pedagógico do que os professores da zona rural.

Uma das recordações mais marcantes dessa época era a música utilizada para ensinar as vogais. Enquanto escrevia no quadro, Tia Neta cantava:

Faço uma cabeça e uma trancinha, ela é bonitinha, ô, maninha, AAA.
Eu vou desenhar um peixinho na maré, subo e desço assim, ô, maninha, EEE.
Sobe, desce, pinga seu nome eu já li, ele é bonitinho, ô, maninha, III.
Faço uma cabeça e um bonezinho, olha veja só, ô, maninha, OOO.
Eu vou desenhar as trancinhas da Lulu, ela é bonitinha, ô, maninha, UUU.
(Acervo pessoal)

Essa lembrança está viva na minha mente como uma fotografia: o quadro, as vogais desenhadas em giz, cada uma com um rostinho simpático.

Foi nessa escola que desenvolvi a leitura, e desde cedo me destaquei pela dedicação aos estudos. A professora frequentemente me elogiava e confiava a mim a tarefa de ajudar os colegas que tinham dificuldades. Esse senso de responsabilidade e compromisso com o aprendizado me acompanharia por toda minha trajetória acadêmica.

Eu era uma criança precoce para aquela realidade. Saber ler com fluência e fazer contas matemáticas aos seis anos não era algo comum na região onde vivíamos. Tia Neta, percebeu meu desempenho e insistiu para que meus pais me matriculassem em uma escola pública, sugerindo, inclusive, que eu avançasse diretamente para a segunda série. No entanto, eu ainda não tinha idade suficiente nem para ingressar na primeira série. Assim, permaneci na escola da

Tia Neta até os sete anos e, só então, fui matriculada em uma escola municipal para cursar a primeira série.

Enquanto esse processo escolar se desenrolava, nossa família foi atingida por um momento muito delicado em que meu irmão, mais novo que eu, foi diagnosticado com câncer, uma notícia que transformou completamente nossa rotina e abalou profundamente nossas emoções. Esse período marcou minha infância de forma intensa. Recordo-me, em especial, de uma oração que fiz, pedindo a Deus para transferir a doença do meu irmão para mim. Eu não suportava ver o sofrimento dos meus pais e a simples possibilidade de perder meu irmão me deixava aflita.

Aos sete anos, ingressei na escola Unidade Integrada Simar Pereira Pinto, na cidade de Buriticupu. A professora se chamava Sônia, mas tenho poucas lembranças desse ano escolar. Era o ano de 2000, e a escola enfrentava muitas dificuldades estruturais. Funcionava no antigo prédio do hospital municipal, um ambiente com janelas quebradas e aparência descuidada. Apesar disso, lembro-me da merenda escolar. Nem sempre era a mais atrativa, mas um mingau servido com cerejas em calda me marcou de maneira especial, parece que sinto até o sabor doce, só de imaginar.

O que mais me recordo é do livro didático utilizado, uma cartilha bastante grossa que reunia todas as letras do alfabeto e diversas atividades de suas respectivas famílias silábicas. Durante a fase de alfabetização, tanto na escola da Tia Neta quanto na escola regular, o ensino da leitura era baseado no método sintético de soletração. Esse método consiste, primeiramente, na apresentação das letras isoladas, seguidas da combinação dos seus sons para formar sílabas, que, por sua vez, se uniam para compor as palavras. Na prática, muitas crianças decoravam as letras e os sons das sílabas mecanicamente, mas tinham dificuldade em reconhecer palavras novas ou construir frases, pois apenas reproduziam o que haviam memorizado, sem compreender plenamente o significado do que estavam lendo.

A turma da primeira série permaneceu comigo por alguns anos, e foi nesse período que fiz amizades significativas, algumas das quais cultivo até o presente momento. Na segunda série, a professora se chamava Cleonice, mas não tenho muitas memórias desse ano que consiga associar especificamente a essa etapa escolar. Destaco que a nomenclatura que utilizo para me referir às séries corresponde a um período anterior à implantação do Ensino Fundamental de nove anos, que ocorreu em 2006. Esse modelo, atualmente em vigor, tornou-se obrigatório a partir de 2010, estabelecendo que as crianças devem ser matriculadas na escola a partir dos seis anos de idade. (Brasil, 2006)

Enquanto eu vivia meus primeiros anos escolares, minha família enfrentava um grande desafio: o tratamento de câncer do meu irmão. Meu pai trabalhava como moveleiro, mas precisou se afastar por um período para acompanhá-lo nas viagens médicas. No entanto, essa situação se tornou insustentável, pois ele era o principal provedor da casa e precisava retornar ao trabalho. Assim, minha mãe assumiu essa responsabilidade e passou a acompanhá-lo.

Em 2002, tivemos que mudar de bairro. Como minha ela viajava frequentemente e meu pai passava longas horas no trabalho, meus pais perceberam a necessidade de estarmos mais próximos de um ambiente seguro. Eu, a mais velha, tinha apenas nove anos, e meus irmãos ainda eram pequenos. A mudança nos levou para uma casa localizada nos fundos da movelaria onde meu pai trabalhava, facilitando sua presença e nossa segurança. A princípio, não aceitei bem essa mudança. Deixar meus amigos para trás foi difícil, e o novo bairro não oferecia a mesma liberdade para brincar que eu tinha antes. Nossa nova casa era de madeira, com piso de cimento queimado, e, embora tivesse uma estrutura um pouco melhor do que a anterior, ainda era simples. Em frente à casa, havia um enorme pé de caju, e, logo adiante, ficava a movelaria do meu pai. Mais à frente, passava a BR-222, um dos motivos pelos quais nossa liberdade de brincar era limitada.

Na terceira série, a professora se chamava Arlete. A partir desse ano, as lembranças se tornaram mais nítidas, e foi nesse período que fiz amizade com Ana Caroline, a Carol, que se tornaria minha melhor amiga de infância. Sempre sentávamos juntas, o que tornava as aulas ainda mais especiais, pois compartilhávamos o gosto pelos estudos e, juntas, nos destacávamos nas atividades escolares. A professora Arlete tinha uma personalidade rígida e costumava usar uma régua de madeira, com a qual, ocasionalmente, aplicava pequenos "bolos" nos alunos. Apesar disso, era uma educadora que despertava em nós o compromisso com o aprendizado. Nessa fase, eu já lia com bastante fluência e compreendia bem os textos. Em casa, meu pai me ajudava com os cálculos matemáticos e, graças a ele, aprendi a multiplicação com dois números antes mesmo dos meus colegas. Essa experiência me trouxe um sentimento de satisfação e despertou um interesse inicial pela matemática, que se tornaria ainda mais forte no ano seguinte.

A quarta série foi um ano atípico e marcante. Pela primeira vez, teria um professor homem, e ele era tudo, menos convencional. Seu nome era Juscelino. Tinha unhas grandes, sempre pintadas com cores vibrantes e, ao entrar na sala de aula, seu cumprimento característico era um animado "Fala, tropa!". Além disso, seu carro chamava a atenção por ser um jipe sem cobertura, com a carcaça da cabeça de uma vaca na frente, algo completamente inusitado.

Mesmo utilizando métodos tradicionais, o professor Juscelino encontrou uma forma criativa de despertar nosso interesse pela matemática. Ele incentivava a competição entre os

alunos para que nos dedicássemos mais ao estudo da tabuada, seu principal foco. Seu entusiasmo e estilo único fizeram com que eu começasse a enxergar a matemática com outros olhos. A partir desse momento, minha atenção se voltou para essa área, e comecei a sonhar em ser professora de matemática.

Curiosamente, em todas as fases da formação, as áreas que mais me interessaram foram diretamente influenciadas pelos professores que tive e que admirei. Meu desejo profissional sempre esteve ligado à docência, refletindo o impacto que esses professores tiveram na minha trajetória.

Em 2004, iniciei a quinta série, e tudo parecia novo e desafiador. Agora teria vários professores, cada um responsável por uma disciplina diferente. Entre as novidades, uma das que mais me empolgava era a aula de inglês. Eu estava ansiosa para aprender, pois sempre tive curiosidade por essa língua. Em casa, eu já tinha contato com alguns livros didáticos, já que naquela época era comum a compra de coleções com diversas disciplinas e conteúdos gerais. Meu pai adquiriu uma dessas coleções para mim e o livro de inglês logo se tornou o meu favorito. Passava horas folheando suas páginas, tentando absorver o máximo possível.

Durante esse ano letivo, continuei me esforçando ao máximo, sempre me dedicando aos trabalhos escolares e mantendo um bom desempenho. No entanto, apesar das boas notas, havia um desafio pessoal que me incomodava: a dificuldade em me expressar verbalmente. Sempre fui muito reservada, falava apenas o necessário e essa timidez me frustrava em algumas situações.

Cursei a quinta e a sexta séries ainda na cidade de Buriticupu e além do inglês, outra novidade no currículo era a disciplina de Educação Física, embora nunca tenha sido excepcional nos esportes, mas sempre gostei de movimento e me divertia participando das atividades propostas como jogos de queimada eram os favoritos. De modo que, nessa fase, percebi que os conteúdos escolares começaram a se tornar mais desafiadores, principalmente em matemática. Não se tratava mais de contas simples, e a complexidade das operações aumentava a cada nova lição. Na sexta série, a professora de matemática se chamava Madalena. Era uma mulher séria, de expressão fechada, e tinha fama de ser rígida, talvez pelo próprio peso da disciplina que ensinava ou por sua personalidade naturalmente exigente. De fato, sua postura em sala de aula reforçava essa fama. Lembro-me bem de uma prova aplicada por ela. Entre as três turmas da sexta série, a maior nota foi um seis, e, felizmente, essa nota foi minha. Naquele momento, percebi que, se quisesse manter meu desempenho, teria que me esforçar ainda mais. O desafio estava lançado, e eu estava disposta a enfrentá-lo.

Estudei na mesma escola em Buriticupu até a sexta série, mas, mais uma vez, nossa família precisou mudar. O estado de saúde do meu irmão ainda exigia cuidados constantes, e a nova cidade facilitaria seu tratamento. Dessa vez, para tornar a mudança mais animadora, e talvez até para suavizar o real motivo por trás dela, meus pais me falaram sobre uma escola de grande prestígio na cidade de Imperatriz, no Maranhão: o Centro Federal de Educação Tecnológica Unidade de Ensino Descentralizada de Imperatriz (CEFET/UNED), atualmente, Instituto Federal de Educação e Tecnologias do Maranhão (IFMA).

Eles sempre acompanharam de perto minha dedicação aos estudos e usaram essa informação como um incentivo para despertar meu interesse na mudança. Apesar disso, a ideia de partir novamente foi difícil. Deixar para trás meus amigos da escola e da igreja, com quem já tinha criado laços, era doloroso. Além disso, o desconhecido sempre traz um certo receio. No entanto, mesmo diante dessas incertezas, procurei compreender a necessidade da mudança. E, aos poucos, aquele novo sonho começou a crescer dentro de mim: estudar na escola que meus pais tanto falavam. Agora, além da adaptação a uma nova cidade, eu também tinha um objetivo a perseguir.

Em 2006, nos mudamos para Imperatriz, para o bairro Vila Vitória, uma região periférica da cidade ainda em processo de expansão. Esse contexto permitiu ao meu pai adquirir lotes a preços mais acessíveis. Inicialmente, moramos em casas alugadas enquanto ele construía a nossa própria residência. No terreno que comprou, meu pai montou sua movelaria, dando continuidade à profissão que sempre exerceu com dedicação.

Contudo, em Imperatriz, manter essa atividade revelou-se um desafio maior do que o esperado. Diante das dificuldades, ele precisou se reinventar profissionalmente, vendendo suas máquinas e aprendendo um novo ofício: tornou-se pedreiro. Essa transição trouxe consigo uma série de desafios para nossa família. Morar de aluguel, lidar com a mudança na carreira do meu pai e enfrentar as frequentes viagens da minha mãe com meu irmão, geraram uma crise familiar que nos marcou profundamente.

Naquele mesmo ano, ingressei na sétima série em uma nova escola, o Centro de Ensino Nova Vitória, uma escola estadual que representou para mim um universo totalmente novo: nova estrutura, novos colegas, novos professores e um ritmo de estudos mais intenso do que o que eu estava acostumada. Não sei se essa diferença se devia ao fato de estar em uma nova série ou se a escola apresentava um nível de exigência acadêmica mais elevado. De qualquer forma, consegui me adaptar rapidamente, mantendo a disciplina que sempre busquei em minha formação acadêmica.

Dois professores marcaram profundamente essa etapa da minha vida: o de Matemática e o de língua portuguesa. Embora ambos tivessem um papel significativo na minha formação, foi a matemática que mais despertou meu interesse, especialmente pela maneira inspiradora com que a professora Edvânia conduzia suas aulas. Ela tinha um modo firme e, ao mesmo tempo, delicado de ensinar, o que me fascinava. No entanto, no segundo bimestre, acabei ficando de recuperação em matemática, um reflexo de uma fase em que meu foco nos estudos diminuiu devido ao início de um namoro adolescente.

Lembro-me, vividamente, do momento em que recebi a prova com a nota seis. O olhar da professora Edvânia, acompanhado de uma simples frase “Estou decepcionada”, teve um impacto profundo em mim. Senti uma mistura de vergonha e tristeza que me levou a fazer uma promessa: nunca mais permitiria que isso acontecesse. A partir de então, decidi me dedicar com mais afinco aos estudos. Durante o período de recuperação, não apenas estudei intensamente para minha própria prova, mas também comecei a dar aulas particulares para uma colega que também precisava de apoio.

Essas foram as primeiras aulas que ministrei de forma remunerada, uma experiência que não apenas reforçou meu conhecimento, mas despertou em mim o interesse pelo ato de ensinar. Ao final, nós duas conseguimos superar a recuperação, o que não apenas representou uma vitória acadêmica, mas um marco na minha trajetória pessoal. Esse episódio foi fundamental para o desenvolvimento de responsabilidade, disciplina e paixão pelo aprendizado.

Continuei meus estudos no C.E. Nova Vitória, mas precisei mudar de turno e, conseqüentemente, não permaneci com a turma anterior. Esse seria um ano decisivo para mim, já que precisava me preparar para o processo seletivo do CEFET, o que exigia máxima dedicação aos estudos. Sem condições financeiras para frequentar um cursinho preparatório, estudava em casa no contraturno. Felizmente, pude contar com o apoio do professor Messias Pacheco, de matemática, que direcionava alguns momentos das aulas para a resolução de questões semelhantes às da prova. Tenho um carinho especial por ele, que não apenas me auxiliou nesse momento, além disso teve um impacto positivo maior na minha trajetória escolar.

O ano de 2007 foi um marco na minha vida por ter sido um período em que comecei a assumir mais responsabilidades. Embora tivesse apenas catorze anos, sentia-me como uma adulta. Cuidava da casa, dos meus irmãos menores, tinha um objetivo pelo qual lutava diariamente e, além disso, iniciei um relacionamento que, com uma visão ingênua, imaginei que seria o primeiro e único. No entanto, a vida tem uma maneira inesperada de nos surpreender. Mesmo com meu temperamento controlador, tão jovem, e o hábito de planejar cada detalhe do que precisava fazer, fui confrontada com situações que estavam para além do meu controle.

No final do ano, após meses em que minha mãe esteve viajando com meu irmão, veio a notícia que mudaria tudo: meus pais estavam se separando. Ou melhor, ela não voltaria para casa. Aquele anúncio, feito poucos dias antes do meu tão esperado aniversário de quinze anos, trouxe a primeira grande dor da vida. Nossa realidade já não era fácil, mas, apesar de tudo, éramos uma família. Agora, ver essa estrutura se desfazendo fez meu mundo desabar. E não era apenas a minha dor, era a dor do meu pai, dos meus irmãos e da minha mãe. Sendo naturalmente sensível e acostumada a cuidar deles, parecia que eu sentia o peso da situação mais do que todos, mas, ao mesmo tempo, fingia ser forte por eles.

Ainda assim, continuei com meu objetivo, mesmo com todo o meu abalo emocional, só não imaginava que algo ainda mais doloroso estava para acontecer. No dia 05 de janeiro de 2008, vivi outra das maiores dores da vida: a perda do meu irmão, apenas um dia antes da prova que eu vinha me preparando para fazer. Meu emocional desmoronou mais uma vez, mas, dessa vez, a dor e o desespero foram ainda mais intensos. Meu pai foi o único que pode viajar para o velório, pois meu irmão estava com minha mãe e, por dificuldades financeiras, apenas ele conseguiu ir até a cidade que era muito distante, no estado do Pará, onde ocorreu a despedida. Uma das maiores frustrações é não ter podido estar presente no velório do meu irmão, não ter tido a chance de me despedir. No entanto, no dia seguinte, mesmo em luto e carregando um sofrimento imensurável, segui em frente e realizei a tão aguardada prova de seleção para a escola técnica de nível médio que eu tanto desejava. Fui aprovada, e a partir daí iniciou-se um novo ciclo em minha vida.

2.2 O Ensino Médio integrado ao curso técnico

O Ensino Médio é uma etapa fundamental na vida de qualquer adolescente, marcando a transição entre a infância e a vida adulta. Por muito tempo, esperei ansiosamente por essa fase, carregando grandes expectativas. Sempre tive o sonho de ingressar no Ensino Superior e orgulhar meus pais com essa conquista. Meu objetivo era dedicar-me ao máximo, buscando excelência nos estudos para garantir uma graduação e, conseqüentemente, uma profissão que proporcionasse um futuro melhor para mim e minha família. Esse anseio reflete o desejo comum entre muitos jovens de origem humilde, como eu, que enxergam na educação a oportunidade de transformar suas vidas.

Entretanto, durante o meu Ensino Médio enfrentei muitos conflitos internos que desencadearam até mesmo doenças, tanto emocionais como físicas. Foi desafiador me dedicar

aos estudos e ainda lidar com o quadro de depressão que eu me encontrava, devido aos problemas familiares que antecederam. E nesse período, mais uma vez, contei com professores que marcaram minha caminhada como estudante. O professor Messias Pacheco, que citei anteriormente, e outro professor da antiga escola, Meceno Neto, se prontificaram em arcar com as despesas do restaurante da instituição por um ano, uma vez que o curso era em formato integral, Ensino Médio integrado ao curso de Informática e teria que permanecer na escola o dia inteiro sem conseguir ir em casa, pois morava em um bairro distante.

Durante o ensino médio, tive a felicidade de contar com o apoio da professora Izaura, pedagoga da instituição. Sua sensibilidade e humanidade fizeram toda a diferença em minha trajetória, tornando-se uma grande inspiração para mim. Almejo, um dia, ser tão competente e sensível quanto ela. A partir do meu segundo ano na escola, ela e seu esposo, o professor Carlos Alberto (*In Memoriam*), assumiram as despesas do restaurante da instituição, permitindo que eu continuasse meus estudos sem essa preocupação.

Além disso, a Professora Izaura me acompanhou de perto. Lembro-me das vezes em que ela ia até a turma e pedia licença aos professores para que eu a acompanhasse até sua sala. Meus colegas ficavam curiosos para saber o motivo e até eu me surpreendia. No entanto, sua intenção era simplesmente conversar, me ouvir e demonstrar cuidado. Chegava até a levar frutas para mim. Ela conhecia as dificuldades que tinha e me acompanhava com constância. Seu acolhimento significou muito para mim. A generosidade e o carinho desse casal marcaram profundamente minha vida, e, por eles, carrego uma imensa gratidão e afeto.

Entre tantas turbulências e desafios vividos nesse período, o Ensino Médio não foi exatamente como eu imaginava. Ao contrário do que esperava, esse ciclo não teve o brilho e a leveza que eu desejava. Enfrentei dificuldades para alcançar boas notas, administrar meu tempo de estudo e lidar com o peso das questões familiares que me acompanhavam diariamente. A escola, mais do que um ambiente de aprendizado, tornou-se um refúgio para mim, um espaço onde eu podia me distanciar da realidade que tanto me afligia.

A rotina era intensa: saía de casa bem cedo, passava o dia inteiro na escola e, muitas vezes, estendia a permanência na biblioteca até a noite. Só voltava para casa no último ônibus, não apenas para aproveitar o tempo estudando, mas também porque, naquela fase da vida, estar em casa não era algo que me confortava. O novo casamento do meu pai foi uma mudança difícil de aceitar e essa adaptação trouxe mais conflitos internos para mim.

Quando ingressei no Ensino Médio, em 2008, a instituição ainda era conhecida como CEFET. No entanto, passava por uma transição e no ano seguinte passou a ser IFMA, e essa mudança trouxe alterações no modelo de ensino, além de ampliar o atendimento ao público,

passando a ofertar também cursos de graduação. E as turmas que vieram depois de mim ainda cursavam o Ensino Médio integrado aos cursos técnicos, mas já não seguiam mais a estrutura de tempo integral.

No modelo de ensino técnico, conciliávamos as disciplinas do Ensino Médio com aquelas voltadas à formação profissional. Geralmente, as aulas do curso técnico ocorriam no turno da manhã, enquanto as disciplinas regulares do Ensino Médio eram distribuídas ao longo do dia. Nesse contexto, é relevante destacar os ensinamentos de Frigotto sobre o Ensino Médio integrado ao técnico e a crítica à educação tecnicista, especialmente no âmbito das políticas educacionais, tem como objetivo principal moldar a formação dos estudantes para atender exclusivamente às demandas do mercado de trabalho e à lógica do capital. Segundo Frigotto (2020), essa abordagem desvaloriza a formação integral do ser humano, restringindo o processo educativo a uma mera capacitação técnica. Em contrapartida, ele defende um modelo de ensino médio integrado que promova uma formação mais ampla e crítica, combinando conhecimentos técnicos e acadêmicos. Essa perspectiva se inspira na concepção de escola unitária e politécnica de Gramsci, que busca articular a formação profissionalizante com uma formação humanística e reflexiva.

Dos cursos disponíveis na instituição, escolhi o de Informática, e, inicialmente, as expectativas eram bem diferentes da realidade, deste modo, imaginava que aprenderia mais sobre manutenção de computadores ou algo relacionado ao *hardware*, pois meu conhecimento sobre a área ainda era bastante básico. No entanto, o foco do curso era programação, um campo que, na época, estava começando a ganhar mais espaço e importância no mercado de trabalho.

Embora o conteúdo me chamasse atenção, enfrentei dificuldades para acompanhar as atividades práticas. Como não tinha um computador em casa, a prática que tinha era limitada aos laboratórios da escola e, nem sempre, eu conseguia acesso no contraturno. Meu pai chegou a comprar um computador usado para mim na tentativa de ajudar nos estudos, mas, por ser de segunda mão, logo apresentou defeitos e acabei ficando sem esse recurso novamente. Ainda assim, com esforço e dedicação, consegui concluir as disciplinas técnicas, apesar dos desafios.

No último semestre do 3º ano, já não tínhamos mais aulas regulares do curso técnico. Para a conclusão, era necessário optar entre um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) ou um Estágio. Assim escolhi o estágio, pois enxerguei nele uma oportunidade de adquirir experiência profissional e facilitar a inserção no mercado de trabalho. Fui estagiar na DataControl, uma escola que oferecia aulas de informática. No entanto, as funções não estavam diretamente ligadas à programação; atuei como auxiliar do instrutor em sala de aula, prestando suporte aos alunos. Ao final, entreguei o Relatório de Estágio para concluir o curso.

Em relação ao Ensino Médio regular, tive algumas frustrações, principalmente com matemática, que sempre foi minha disciplina favorita. No entanto, meu desempenho não foi como eu esperava. Primeiro, porque alguns conteúdos essenciais do Ensino Médio exigiam conhecimentos que eu não tive a oportunidade de estudar no Ensino Fundamental. Devido a greves na rede estadual, quando fui aprovada para a escola técnica, ainda estava no 3º bimestre e não concluí o ano letivo de forma completa. Para que eu pudesse me matricular no novo colégio, a direção da antiga escola reuniu-se em conselho com os professores e atribuiu as notas do 4º bimestre que faltavam.

Além disso, embora os professores do IFMA fossem extremamente qualificados, muitos não tinham uma metodologia acessível para transmitir o conteúdo de maneira clara. Isso exigia que nós, alunos, buscássemos aprender por conta própria. Foi nesse momento que percebi que minha base educacional não era tão sólida quanto eu imaginava. No contexto em que eu vivia, meu aprendizado tinha sido suficiente, mas, diante dos novos desafios, senti que precisaria de uma formação mais estruturada para acompanhar o ritmo do ensino e avançar nos estudos com mais segurança.

Ao longo desse período, tive experiências escolares muito enriquecedoras. Algumas das mais marcantes foram as viagens técnicas promovidas por professores, especialmente as das disciplinas de Geografia e Biologia. Essas oportunidades proporcionaram um aprendizado mais dinâmico, conectando a teoria estudada em sala de aula com a prática. Entre as viagens que realizamos, destaco as visitas técnicas ao Rio Tocantins, à Lagoa da Confusão, no estado do Tocantins, e à Chapada das Mesas, em Carolina-MA.

Figura 1. Viagem à Lagoa da Confusão – Turma do Ensino Médio



Fonte: Acervo Pessoal

Junto a viagem à Lagoa da Confusão, visitamos também a Ilha do Bananal onde também passamos por uma fábrica de cal. Esses momentos foram essenciais para ampliar nossa compreensão dos conteúdos e fortalecer nossa conexão com o conhecimento.

Além das experiências práticas, também tive o privilégio de aprender com professores inspiradores, que fizeram com que eu olhasse para a docência com admiração e carinho. A professora Carla, de Sociologia, me encantava com sua dedicação e empatia, qualidades que a tornavam uma educadora excepcional. Já a professora Maria Aparecida, de História, embora mais firme em sua abordagem, conseguiu despertar em mim um amor inesperado pela disciplina.

Lembro-me, em especial, de um episódio marcante: fiquei devendo uma nota e precisei revisar todo o conteúdo do bimestre. Para isso, mergulhei nas leituras de autores como Cláudio Vicentino e Gianpaolo Dorigo, e Gilberto Cotrim, autores renomados no ensino de História no Ensino Médio. O estudo intenso, que inicialmente parecia apenas uma obrigação, acabou me fascinando, descobri uma paixão por História que eu não imaginava ter. O professor Alencar, responsável pelas disciplinas de Educação Ambiental e Geografia, sempre se destacou pelo seu equilíbrio entre seriedade e bom humor. Com um jeito brincalhão, mas ao mesmo tempo firme, ele ia além do ensino tradicional, trazendo reflexões sobre a vida e incentivando seus alunos a perseguirem seus objetivos. Suas aulas eram dinâmicas e repletas de experiências práticas, desde o plantio de árvores no terreno da escola até viagens técnicas que ampliavam nossa visão sobre o Meio Ambiente e a Geografia ao nosso redor.

Outra figura marcante foi o professor Pedro Queiroz, de Biologia, que despertou em mim um grande interesse pela área das Ciências Biológicas. Era sempre firme, mas seu domínio de conteúdo das aulas me fascinava. Uma das experiências mais memoráveis foi a aula prática de tipagem sanguínea, na qual, pela primeira vez, descobri meu próprio tipo sanguíneo. Seu entusiasmo pela biologia me inspirou tanto que, posteriormente, decidi cursar Ciências Biológicas. O mais incrível é que, anos depois, tive a oportunidade de reencontrá-lo, não mais como sua aluna, mas como sua colega de profissão. Hoje, compartilhamos o mesmo ambiente de trabalho, o que considero uma grande honra e um reflexo do impacto que ele teve na minha formação.

Em contrapartida, uma das frustrações que carrego comigo é não ter o histórico escolar do IFMA completo. No meu último ano na instituição, fiquei em dependência na disciplina de Física, o que exigia que eu realizasse uma prova para recuperar a nota pendente. No entanto, essa prova foi marcada para fevereiro do ano seguinte, e, infelizmente, não consegui realizá-la. Naquele período, minha vida havia mudado completamente. Eu havia acabado de me casar e estava grávida, ainda no primeiro trimestre, lidando com enjoos e muito mal-estar. Com tantas transformações acontecendo ao mesmo tempo, não consegui me preparar adequadamente para a prova e, conseqüentemente, perdi o prazo. Anos depois, tentei cursar a disciplina novamente,

mas, já sendo mãe e administrando as responsabilidades de uma casa, o desafio de conciliar os estudos com a rotina se tornou ainda maior. Acabei desistindo.

Apesar desse contratempo, busquei alternativas e, posteriormente, fiz o Enem, obtendo a certificação do Ensino Médio por meio do exame. Embora lamente não ter concluído a disciplina como inicialmente planejado, sou grata pelos anos que vivi na instituição, pelas experiências que tive e pelo caminho que percorri. Além disso, reconheço a importância das oportunidades oferecidas pelo Ministério da Educação, que me permitiram, mesmo diante das adversidades, conquistar a certificação e seguir em frente com meus objetivos.

O Ensino Médio foi, sem dúvida, uma das fases mais marcantes da minha vida. Um período repleto de desafios, aprendizados e transformações que moldaram quem sou hoje. Embora tenha enfrentado dificuldades e frustrações ao longo do caminho, também vivi momentos de alegria e conquistas que me fortaleceram.

Foram três anos intensos, nos quais precisei conciliar os estudos com questões emocionais e familiares que muitas vezes pesavam sobre mim. No entanto, mesmo diante dos obstáculos, encontrei apoio em professores inspiradores e colegas que se tornaram amigos para a vida toda. A convivência diária, as experiências dentro e fora da sala de aula e as atividades extracurriculares me proporcionaram amadurecimento e um novo olhar sobre o futuro.

Além do conhecimento acadêmico, o Ensino Médio me ensinou sobre resiliência e superação. As amizades que construí nesse período continuam sendo parte essencial da minha jornada, e guardo com carinho as lembranças dos desafios enfrentados e das vitórias conquistadas ao longo dessa fase tão significativa.

Dessa forma, ao concluir este capítulo, fica evidente o quanto estas etapas educacionais foram determinantes para a minha trajetória pessoal e acadêmica. Foi um período de descobertas, aprendizados e amadurecimento, marcado por desafios, mas também por momentos inesquecíveis que ajudaram a moldar quem sou hoje. As dificuldades enfrentadas ensinaram sobre resiliência e a importância de persistir nos objetivos, mesmo diante dos obstáculos. Professores inspiradores, amizades construídas e experiências vividas dentro e fora da sala de aula deixaram marcas significativas. Cada etapa dessa jornada contribuiu para a construção da identidade pessoal e profissional, preparando para os caminhos que viriam a seguir.

3 MATERNIDADE E EDUCAÇÃO: DESAFIOS E CONQUISTAS

Nesta seção narro sobre como a maternidade me influenciou neste caminho para a educação como meio profissional. O que mudei e vivenciei ao me tornar mãe, os obstáculos que enfrentei e caminhos que propus a trilhar impulsionada pelo sentimento por meus filhos e pela possibilidade de melhorar de vida e como precisei me reerguer pra continuar essa jornada.

Ao narrar sobre a maternidade, adentro um território profundamente sensível da minha vida. Ser mãe foi um marco transformador, um divisor de águas que me permitiu experimentar o amor mais puro e intenso que alguém pode sentir. Foi nesse momento que descobri uma força dentro de mim que até então desconhecia. A maternidade não apenas fortaleceu meu caráter, mas também me desafiou a ser a melhor versão de mim mesma. Se antes eu sonhava em ser uma boa pessoa, agora isso se tornava uma necessidade real, pois meus filhos precisavam enxergar em mim essa mulher, mesmo com suas fragilidades e falhas, mas que, diante de cada obstáculo, encontrava forças para se reerguer e seguir em frente. A partir daqui, seguirei com a narrativa da minha trajetória, explorando como a maternidade influenciou não apenas minha identidade pessoal, mas também a jornada como estudante e educadora.

Casei-me logo após concluir o Ensino Médio, em dezembro de 2010. O plano era ingressar logo na universidade, e, para isso, já havia prestado vestibular para a Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Consegui ser aprovada na primeira fase, o que me encheu de expectativa. No entanto, no dia seguinte ao meu casamento, precisei realizar a segunda etapa da prova, mas, ao chegar ao local, os portões já estavam fechados. Não consegui entrar e aquela situação me trouxe uma grande frustração. Contudo, apesar da decepção, voltei a atenção para a nova fase da minha vida. Pouco tempo depois, descobri que estava grávida, o que mudou completamente as prioridades. A partir de então, passei a me dedicar integralmente à família, preparando-me para os desafios que viriam com a maternidade.

A maternidade transforma profundamente a vida de uma mulher. Primeiramente, porque desperta um amor único, intenso e incondicional, o amor de uma mãe por seu filho. Sempre fui naturalmente protetora e cuidadosa com aqueles ao meu redor, mas a chegada do meu filho fez esse instinto se tornar ainda mais forte. Ainda guardo com nitidez a lembrança do sorriso matinal do meu pequeno André, que, pontualmente às seis da manhã, despertava com um sorriso largo, a boquinha ainda sem dentes e os olhinhos que se fechavam ao sorrir.

André nasceu no dia 03 de agosto de 2011, às 23h23, um momento marcante em minha vida. Durante todo o período gestacional, vivi a expectativa do seu nascimento, acompanhada de ansiedade e preparativos para sua chegada. No dia do parto, apesar das tentativas, não tive

dilatação suficiente, mesmo com a medicação utilizada. Após avaliação, o médico concluiu que eu não teria passagem para o bebê e que a cesariana seria necessária. O procedimento ocorreu de forma tranquila, sem complicações, apesar das preocupações naturais que antecedem um momento como esse. Quando finalmente ouvi seu primeiro choro, senti um alívio imenso. André havia chegado bem e saudável e ali começava uma nova fase para mim, marcada por desafios, aprendizados e o compromisso de ser mãe.

Entretanto, no ano seguinte, veio a necessidade e eu precisei ingressar no mercado de trabalho. Deixar meu filho em casa não me soou bem, porém eu queria ajudar meu esposo com as despesas da casa e contribuir para a melhoria da nossa qualidade de vida. A primeira experiência foi como professora de uma turma de Maternal II, ainda de maneira informal, mas remunerada, porém permaneci apenas um mês. Logo recebi uma proposta para trabalhar como recepcionista em uma empresa de venda de tratores e caminhões. O salário era mais atrativo, então aceitei a oportunidade.

No entanto, a rotina foi se tornando cada vez mais desafiadora. Durante os seis meses em que estive na empresa, precisei deixar meu filho aos cuidados de uma babá todos os dias. Saía de casa muito cedo, não conseguia almoçar em casa e só o via no final do dia. A saudade e a sensação de estar ausente na vida dele pesavam cada vez mais para mim. Meu esposo, percebendo o quanto eu estava sobrecarregada e angustiada, sugeriu que eu deixasse o trabalho para que pudesse me dedicar ao nosso filho e à casa.

Tomar essa decisão não foi fácil. Sabia que isso impactaria diretamente a nossa renda familiar, mas, para mim, o maior prejuízo seria não estar presente nos primeiros anos de vida do meu filho. Sempre tive a convicção, talvez um pensamento mais tradicional, de que a mãe desempenha um papel fundamental na criação e educação dos filhos. Assim, em comum acordo com meu esposo, decidimos que ele assumiria a responsabilidade financeira da família enquanto eu me dedicaria integralmente ao lar e à maternidade.

Mesmo sendo jovem, ainda nos meus primeiros anos da casa dos vinte, já me preocupava em aprender sobre a educação de filhos. Buscava informações, lia o que podia e aproveitava os recursos disponíveis para estudar o assunto. Naquela época, a *internet* ainda não era tão acessível e eficiente como é hoje, mas, dentro das possibilidades, utilizava esse meio para pesquisar e aprender. Acredito que esse interesse foi um diferencial na minha jornada materna. Embora muitas das decisões que tomei tenham sido de forma intuitiva, sempre procurei aplicar, na educação do meu filho, tudo o que conseguia aprender.

Claro, cometi erros, como toda mãe de primeira viagem, mas não me culpo mais tanto por isso, hoje compreendo que fiz o melhor que pude, com o conhecimento e a maturidade que tinha naquele momento.

3.1 A paixão pela Educação e a tentativa de retomar os estudos

Por um tempo, estive afastada das salas de aula como estudante, mas a docência nunca deixou de fazer parte da minha vida. Enquanto me dedicava ao lar e à família, também desempenhava um papel ativo na igreja, onde sempre encontrei um ambiente acolhedor e familiar. Sendo evangélica desde o nascimento, crescer dentro da comunidade cristã moldou minha trajetória e fortaleceu a fé que professo.

Desde os catorze anos, atuei como professora da Escola Dominical para crianças, uma experiência que se estendeu também ao ensino de adolescentes e mulheres adultas. Esse trabalho, que sempre realizei de forma voluntária, era para mim uma forma genuína de servir a Deus e reafirmar minha fé através da educação cristã. O amor por essa missão me impulsionava a buscar formas criativas de ensinar, tornando cada aula um momento especial e significativo para os alunos.

Como a "tia da salinha", eu mesma confeccionava os materiais didáticos para contar as histórias bíblicas. Desde criança, já demonstrava afinidade com trabalhos manuais e criatividade. Tinha uma caixa que chamava de "caixa de ferramentas", onde guardava lápis de cor, canetinhas, cola, tesoura e outros materiais de papelaria que usava para criar e dar vida às ideias que tinha. Ao crescer, essa caixa continuou a fazer parte da minha rotina, mas agora com mais intencionalidade e os materiais também aumentaram.

Figura 2. Contação de história no culto infantil)



Fonte: Acervo Pessoal

Eu adorava decorar as salas com painéis de E.V.A., criando ambientes lúdicos e encantadores para as crianças. Durante os cultos, era responsável pela contação das histórias bíblicas, o que me dava imensa satisfação. Lembro de uma das primeiras histórias que contei em um dos cultos infantis sobre as Muralhas de Jericó, uma história contada de forma simples, mas pensada de maneira que fosse envolver as crianças e chamar a sua atenção. Ensinar de maneira interativa e envolvente sempre foi algo que me trouxe alegria, e ver os olhinhos atentos das crianças ao ouvirem as histórias era uma das maiores recompensas. O tempo que passei exercendo este ministério fortaleceu ainda mais a vocação para o ensino e a paixão por compartilhar conhecimento.

Como mãe, sempre tive grande preocupação com a educação do meu filho. Desde bebê, fazia questão de cercá-lo de livros, incentivando o hábito da leitura desde cedo. Tornamos a leitura um ritual diário, especialmente antes de dormir. Lembro-me com carinho de como ele gostava desse momento e sempre pedia uma história antes de dormir. Algumas vezes, quando estávamos mais cansados, líamos um livro chamado *O Mundo dos Sons*, por ser uma história mais curta. Até que, esperto como sempre foi, começou a perceber e, ao ver que íamos ler esse livro, logo reclamava: "Ah, não! *Mundo dos Sons*, não!", pois já sabia que terminaria rápido.

Desde pequeno, meu filho sempre demonstrou muita inteligência e curiosidade. Compreendo que o incentivo à leitura e o apoio que demos em casa foram fundamentais para seu desenvolvimento educacional. Para ajudá-lo nesse processo, fiz alguns cartazes simples de cartolina e os fixei nas paredes à altura dele, com o alfabeto em letras maiúsculas e minúsculas, tanto em letra cursiva quanto em letra de forma. Também preparei cartazes com os números e as cores em inglês. Como passávamos boa parte do tempo sozinhos em casa, pois meu esposo trabalhava o dia inteiro, aproveitava esses momentos juntos para ler e aprender. Talvez essa dedicação tenha vindo da crença de que a educação poderia transformar nossas vidas e que investir tempo e recursos nela, mesmo com dificuldades financeiras, seria essencial para o futuro dos meus filhos.

Em 2014, comecei a sentir a necessidade de fazer algo além da rotina doméstica. Sempre fui muito caseira, não tinha o hábito de sair com frequência, mas queria me ocupar com algo produtivo. Foi então que surgiu a oportunidade de fazer um curso técnico no Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC), em hesitar, fiz a inscrição no curso técnico em estética e iniciei essa nova jornada.

No entanto, surgiu uma questão importante: onde deixar meu filho enquanto eu estudava? Como não tinha com quem deixá-lo, decidimos matriculá-lo em uma escola do

bairro. Com apenas dois anos e seis meses, André começou a frequentar a escola, e para minha surpresa, sua adaptação foi tranquila. Sempre foi uma criança extrovertida e sociável, o que tornou essa transição mais fácil. Para ajudar na logística, combinamos com uma moça que o buscava na escola e o levava para casa até que eu retornasse do curso.

Essa foi mais uma etapa desafiadora: sair de casa e encarar os estudos novamente. No entanto, me esforcei ao máximo e procurei dar o meu melhor. Dediquei-me ao curso com entusiasmo e, por um tempo, acreditei que a estética poderia ser minha profissão definitiva. Mas minha ambição ia além. Eu desejava continuar os estudos e alcançar uma formação superior para, no futuro, atuar também como professora em cursos técnicos. Durante essa jornada, tive a oportunidade de conhecer professoras que me marcaram profundamente, como Emanuelle, cuja inspiração e incentivo foram fundamentais. Até hoje, cultivamos uma amizade que nasceu nesse período tão significativo. Porém, na metade do curso, passei por uma experiência familiar extremamente dolorosa, uma crise conjugal que ocasionou um grande abalo emocional e despertou inúmeros questionamentos internos e afetou profundamente minha autoestima. Desde o ensino médio, já enfrentava um quadro depressivo e essa situação agravou ainda mais minha vulnerabilidade.

Meu desempenho no curso já não era o mesmo. A motivação que antes me impulsionava começou a dar lugar ao cansaço emocional. Mesmo assim, persisti e consegui concluir a formação. Durante o curso, descobri que estava grávida do meu segundo filho. E, poucos dias após o término do curso, minha filha nasceu, em julho de 2015. Com a chegada de mais um bebê, os planos profissionais tiveram que ser adiados mais uma vez. Não consegui ingressar no mercado de trabalho na área como havia planejado, pois, naquele momento, a prioridade era estar presente para meus filhos.

Permaneci dedicando meu tempo aos meus filhos, à casa e às funções que sempre desempenhei na igreja. Com um pouco mais de maturidade, decidi que não matricularia minha filha na escola tão cedo, como havia feito com meu filho. Continuamos com nossa rotina de leitura, que eles amavam, e aproveitei ao máximo essa fase com eles. No entanto, em 2017, senti um forte desejo de voltar a estudar e decidi me preparar para o vestibular.

Com disciplina e dedicação, estudei em casa ao longo do ano, determinada a ingressar na tão sonhada graduação. No final de 2017, prestei vestibular para a Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL) e fui aprovada no curso de licenciatura em Ciências Biológicas. Naquele momento, senti meu sonho de me tornar professora universitária mais próximo. Iniciei a graduação em 2018 e, mais uma vez, pela necessidade, precisei matricular minha filha na escola, pois não tinha com quem deixá-la. Esse período foi desafiador,

especialmente porque meu esposo havia passado no concurso da Polícia Militar do Maranhão e estava cursando a formação. Era uma fase difícil para nós dois, mas nos apoiamos mutuamente para enfrentar os desafios.

Organizamos nossa rotina da melhor forma possível. Matriculamos as crianças em escolas próximas à universidade para facilitar a logística. Quando meu esposo podia, ele levava e buscava as crianças; quando não, eu fazia isso de ônibus. Muitas vezes, chegava atrasada às aulas, saía antes do término ou até mesmo precisava sair no meio da aula para pegá-los e levá-los comigo para a universidade.

Figura 3. Foto com colegas do curso de Ciências Biológicas



Fonte: Acervo Pessoal

Mesmo com todas essas dificuldades, consegui cursar um período completo e tive um bom desempenho acadêmico. Me envolvia nas atividades e poder usar os laboratórios era maravilhoso, recordo ainda quando examinamos o primeiro corte em lâmina do tecido de uma planta, foi uma grande satisfação. No entanto, a realidade impôs mais um desafio. Meu esposo precisou se mudar para São Luís para concluir seu curso de formação e ficaria lá por alguns meses. Inicialmente, tentamos manter a rotina à distância, mas depois de um mês ele pediu que fôssemos morar com ele. Foi uma decisão difícil, mas optamos por estar juntos. Deixamos tudo para trás e nos mudamos para São Luís, o que me levou a trancar o curso na metade do segundo período. Infelizmente, por diversos fatores, acabei não retomando a graduação.

E aqui adentro a questão sobre a permanência de mulheres no Educação Superior. As mulheres enfrentam desafios consideráveis para permanecer no Educação Superior, devido à sobrecarga de responsabilidades domésticas e do cuidado com os filhos, tarefas frequentemente

atribuídas a elas. A necessidade de equilibrar trabalho, estudos e obrigações familiares gera obstáculos para a manutenção de um bom desempenho acadêmico. Além disso, a desigualdade de gênero e a dependência financeira ou emocional em relação aos homens também dificultam a conclusão da formação. (Baltieri, 2022)

Com a mudança para São Luís, uma das nossas maiores preocupações foi a continuidade da educação das crianças. Meu filho mais velho estava no primeiro ano do Ensino Fundamental, enquanto minha filha ainda estava no Maternal. A maior apreensão era garantir que ele não perdesse o ano letivo.

Após algumas conversas com a gestão da escola onde ele estudava, chegamos a um acordo: ele poderia continuar os estudos em casa e, ao final do bimestre, retornaria à escola para realizar as provas. Como ele já era alfabetizado e tinha um bom desempenho acadêmico, essa alternativa foi viável e nos trouxe certo alívio. Quando nos mudamos, ele já estava concluindo o terceiro bimestre, um período difícil para conseguir transferência para outra escola, ainda mais em uma cidade completamente nova, onde não conhecíamos ninguém.

Durante o tempo que passamos lá, estabeleci uma rotina de estudos em casa para manter a disciplina e garantir que meu filho acompanhasse o conteúdo escolar. Todos os dias, sentava-me com ele para ensinar as matérias e, para que minha filha não ficasse ociosa e atrapalhando, também desenvolvi atividades educativas para ela, sempre gostei de acompanhar de perto a educação dos meus filhos e nesse período fez-se necessário um acompanhamento mais preciso. Em Imperatriz, morávamos na periferia da cidade, e a escola pública local não tinha uma boa reputação. Embora meu filho tivesse estudado em uma escola particular até ser alfabetizado, um esforço financeiro que fizemos por acreditarmos que o ensino seria de melhor qualidade nesse período fundamental, agora ele seguiria na rede pública de ensino.

Em novembro de 2019, retornamos à Imperatriz. Nossa rotina, no entanto, seria bem diferente daquela que tínhamos antes de ir para São Luís. Meu esposo agora trabalharia por escala e viajando. Inicialmente, foi lotado para atuar em São Luís, mas desejávamos continuar morando em Imperatriz. Conseguimos então uma permuta, e ele passou a trabalhar no batalhão da polícia militar em Grajaú, com atuação na cidade de Arame, no Maranhão. Como era uma cidade relativamente próxima, não precisaríamos nos mudar.

Esse período trouxe novos desafios e mudanças. Decidimos empreender e montamos uma mercearia, da qual eu ficaria responsável. Com essa nova realidade, não pude retomar o curso de Ciências Biológicas, pois ele era no turno vespertino, o que tornou inviável conciliar os estudos com o comércio e os cuidados com os filhos. Foi um ano de adaptações, aprendizados e conquistas, apesar das dificuldades.

3.2 Separação, a Maternidade Solo e Recomeço

O ano de 2020 marcou uma virada inesperada na minha vida. Em fevereiro, meu esposo tomou a decisão de se separar. A notícia me atingiu como um vendaval, deixando-me atordoada e sem chão. Nunca imaginei que aquele momento chegaria, pois sempre acreditei que um casamento, era indissolúvel, e apesar de suas complexidades, era construído com renúncias mútuas e esforços compartilhados. Para mim, manter uma família significava ceder, dialogar e buscar equilíbrio. No entanto, de repente, tudo aquilo em que eu acreditava parecia desmoronar diante dos meus olhos.

A separação me dilacerou por dentro. Ele era o amor da minha vida. Começamos a namorar aos 14 anos, casamos aos 18, e naquele momento, após nove anos de casamento, tudo chegava ao fim. Era impossível aceitar. Meu mundo desmoronou de uma forma que nunca imaginei ser possível. A dor era avassaladora, sufocante, talvez a pior que já senti. No silêncio das noites insones, a mente era invadida por pensamentos torturantes, e a culpa pesava sobre mim como uma sentença cruel. A sociedade sempre encontra uma forma de responsabilizar a mulher pelo fim de um casamento, e, mesmo sem querer, eu me via carregando esse fardo, tentando encontrar onde tinha falhado, onde poderia ter feito diferente, como se o amor tivesse dependido apenas de mim para sobreviver.

Não demorou muito para que a verdadeira razão da separação viesse à tona: ele havia conhecido outra pessoa onde trabalhava e decidiu ir morar com ela. Mesmo sabendo disso, os julgamentos não cessaram, e eu me consumia em sentimento de culpa e frustração. A autoestima foi profundamente afetada. Eu me via separada, com dois filhos para criar, sem emprego, sem uma profissão definida, morando na casa da minha sogra. Uma realidade que eu jamais imaginei enfrentar.

E, como se tudo isso não bastasse, o mundo também enfrentava um de seus momentos mais difíceis. A pandemia da COVID-19¹ se espalhava rapidamente, levando a um colapso global. As cidades entraram em quarentena, o comércio fechou, e muitas vidas foram perdidas para a doença. Além das consequências físicas da pandemia, houve um aumento significativo

¹ **COVID-19:** Doença causada pelo coronavírus, identificada pela primeira vez em dezembro de 2019, na China. Rapidamente se espalhou pelo mundo, levando a Organização Mundial da Saúde (OMS) a declarar pandemia em março de 2020. A COVID-19 teve impactos significativos na saúde pública, na economia global e na educação, resultando em medidas como isolamento social, fechamento de escolas e a implementação do ensino remoto emergencial.

de problemas emocionais, como depressão e ansiedade. O medo, a incerteza e o isolamento fizeram com que nossas vidas nunca mais fossem as mesmas.

O contexto em que me encontrava era extremamente delicado e constrangedor: estar separada e ainda morar na casa da sogra. Diante dessa situação, meu pai e alguns amigos se reuniram para organizar um espaço para mim e meus filhos na nossa casa, que ainda estava em construção. Foi tudo muito improvisado. Durante um bom tempo, vivemos sem janelas e com espaços abertos, dormindo no mesmo quarto, onde eu trancava a porta todas as noites para garantir nossa segurança.

Por um período, tentei manter o comércio que havíamos iniciado, mas com a pandemia, a falta de recursos e meu emocional fragilizado, me vi obrigada a fechar as portas. As despesas eram maiores que os lucros, e não havia outra alternativa. Assim, a incerteza voltou a tomar conta de mim. Como sustentaria meus filhos? Eu não tinha experiência de trabalho e, naquele momento, as empresas não estavam contratando devido à crise gerada pela pandemia. Me sentia vulnerável, mas sabia que precisava ser forte por eles.

Para as crianças, essa fase também não foi fácil. Meu filho tinha apenas oito anos e minha filha, quatro. Eu sabia que tudo isso poderia impactar emocionalmente a vida deles. Nos primeiros meses, meu filho mais velho demonstrava sinais de sofrimento, especialmente porque no início eu chorava muito. Ele já possuía certa compreensão da situação, e um divórcio é sempre um processo doloroso para todos os envolvidos.

Apesar da dor, da decepção e das incertezas, vivi esse período amparada pela graça de Deus. Mesmo sem trabalhar, recebia cestas básicas da igreja da qual fazia parte e era cuidada por amigos, apoio pelo qual serei eternamente grata. E foi nesse contexto que pude experimentar o que diz um texto bíblico: “Pois ele fere, mas trata do ferido; ele machuca, mas as suas mãos também curam.” (Jó 5:1) Não atribuo a Deus os sofrimentos que passei, mas acredito que permitiu que tudo acontecesse até mesmo para curar outras feridas que carregava. Diferente de outros momentos difíceis da vida, nos quais a depressão me fez pensar em desistir, dessa vez a fé foi fundamental para ter forças e seguir adiante. Eu não podia desistir, pois tinha dois filhos que dependiam de mim.

Foi em meio a esse turbilhão que decidi me inscrever no Sistema de Seleção Unificada (SISU), na esperança de conquistar uma vaga na Universidade Federal do Maranhão. A intenção inicial era encontrar um curso no período noturno, para que eu pudesse trabalhar durante o dia. No entanto, a única opção disponível era no turno da manhã. Apesar da preocupação, decidi seguir em frente. Curiosamente, escolhi um curso que, por muito tempo, rejeitei. Sempre afirmei que poderia ser professora, mas não para crianças, embora amigos

constantemente apontassem minha vocação para a área. Ainda assim, entre as alternativas disponíveis, foi o curso com o qual mais me identifiquei. E assim, no segundo semestre de 2020, dei início à jornada na Pedagogia.

Naquele período, por conta da pandemia, as aulas eram remotas, o que exigiu uma adaptação tanto de alunos quanto de professores. Meus filhos haviam iniciado o ano em uma escola privada, mas, com a separação e a crise financeira, não consegui manter as mensalidades. Matriculei meu filho em uma escola pública e, como minha filha ainda estava na educação infantil, optei por ensiná-la em casa. Além de ensinar ela, também passei a dar reforço escolar para os filhos dos vizinhos. Com as aulas remotas, muitos pais precisavam de ajuda para acompanhar os estudos das crianças.

Foi nesse processo que comecei a alfabetizar minha filha, dessa vez utilizando o método fônico, diferente do método que usei com meu filho. Na alfabetização, é fundamental o desenvolvimento da consciência fonológica, porque permite que as crianças entendam a relação entre os sons da fala e os símbolos gráficos (letras) que representam esses sons na escrita. Quando uma criança tem uma consciência fonológica bem desenvolvida, ela consegue perceber os sons das letras que formam as palavras. Esse entendimento facilita a aprendizagem do sistema alfabético, tornando mais fácil a identificação das letras e a decodificação de palavras durante a leitura. (Morais, 2020)

Na prática com minha filha, comecei a utilizar esse método de forma intuitiva, sem saber, a princípio, que se tratava de uma abordagem estruturada. Apenas mais tarde, tomei consciência do método e passei a pesquisar mais sobre seu funcionamento e suas aplicações. E com os ajustes necessários ele foi bastante eficaz para sua alfabetização. A experiência com a alfabetização dos meus filhos foi marcante. Com métodos diferentes, devido às perspectivas e conhecimentos distintos que eu tinha em cada fase da vida, ambos desenvolveram a leitura. Aos seis anos, meu filho já lia seus primeiros livros, registrei as leituras feitas dentro de um mês, no cantinho que eu havia preparado eles em casa.

Figura 4. André com seus primeiros livros lidos.



Fonte: Acervo Pessoal

As aulas remotas permaneceram até meados de 2021, tanto para os meus filhos quanto para mim na universidade. Durante esse período, pude estudar e me dedicar aos cuidados com eles em casa. No entanto, a situação financeira continuava sendo uma preocupação constante. A pensão alimentícia não era suficiente, e, por um tempo, contei com o Auxílio Emergencial oferecido pelo governo devido à pandemia. No entanto, após seis meses, deixei de receber o benefício, pois ainda era casada legalmente e, por causa da renda do pai das crianças, não tinha direito a continuar recebendo. Ainda assim, Deus cuidava de nós diariamente, muitas vezes nos surpreendendo com provisões que surgiam de onde menos esperávamos.

Como mãe, sempre busquei ser presente e próxima dos meus filhos o máximo possível. Não tenho muitas memórias de um relacionamento afetivo e próximo com meus próprios pais, talvez pelas circunstâncias difíceis que vivemos, sempre focados na doença do meu irmão. Por isso, não queria repetir esse padrão com meus filhos. O diálogo sempre foi essencial no nosso convívio, e agora, como mãe solo, redobro esse cuidado. Tenho grande preocupação com os impactos emocionais do divórcio e da ausência paterna na rotina deles. Minha missão é garantir que cresçam com amor, apoio e compreensão, apesar das adversidades que enfrentamos.

Ser mãe solo foi, e ainda é, um grande desafio. Jamais imaginei que conseguiria. Sempre fui uma mulher mais reservada e, muitas vezes, passiva, sem me enxergar capaz de cuidar e administrar uma família sozinha. A mudança foi abrupta. De repente, aquela “família perfeita” que eu acreditava ter, se desfez, e toda a responsabilidade passou a ser minha. Não apenas a parte financeira e emocional, mas também as decisões importantes e lidar com os acertos ou erros decorrentes dessas decisões. Como o pai deles morava em outra cidade, a guarda pertencia a mim, e a maioria das escolhas cabia a mim. No início, esse fardo parecia pesado demais para carregar.

Mas segui em frente, dando o meu melhor. Foi um período intenso de autoconhecimento e amadurecimento, e ainda tem sido. Lembro-me de uma conversa com uma senhora, que me disse o quanto estava surpresa comigo. Para ela, a julgar pela aparência e personalidade, eu parecia frágil, quase como uma boneca. Mas, diante das circunstâncias, eu estava mostrando uma força que ela não imaginava. Esse tipo de elogio se tornou frequente: “Max, você é uma guerreira, uma mulher muito forte!” ou “Max, você é muito resiliente!”. Ouvi tantas vezes que, em determinado momento, quando já estava tão exausta e sobrecarregada, não suportava mais. Em um desabafo, confessei: “Eu não aguento mais ser forte. Não quero mais ser forte.”

A resiliência parece ser um traço natural das mães, principalmente das mães solo. Muitas precisam se inserir no mercado de trabalho, que, tantas vezes, é impiedoso com as mulheres,

especialmente àquelas que, como eu, são responsáveis pelo sustento do lar. Infelizmente, eu não tinha uma rede de apoio para me ajudar com o cuidado dos meus filhos. Meus pais e irmãos moravam longe, e os familiares mais próximos tinham suas próprias rotinas e compromissos. Contratar uma babá também estava fora de questão, pois eu não tinha condições financeiras para isso. Assim, por muitas vezes, meus filhos precisaram ficar sozinhos em casa. Meu coração se aperta ao lembrar disso, mas era a única alternativa que eu tinha. Uma parte positiva daquele período de isolamento social foi poder estar mais presente na vida deles. E, quando finalmente precisei sair para trabalhar, já estavam mais crescidos.

Quando as aulas retornaram ao formato presencial, consegui um estágio remunerado, o que representou não apenas uma fonte extra de renda para ajudar nas nossas despesas, mas também uma oportunidade de adquirir experiência profissional. Para conciliar o trabalho com os cuidados com as crianças, matriculei minha filha em uma escola pública e no outro turno em uma escola privada. Essa alternativa foi a que me deu mais segurança, considerando que ela ainda era muito pequena, com apenas cinco anos. O pai dela assumiu essa despesa, e, por um tempo, conseguimos manter essa rotina. Meu filho mais velho, por ser um pouco maior, já conseguia ficar em casa sozinho. Embora as preocupações naturais de mãe sempre estivessem presentes, nunca tivemos problemas com essa dinâmica.

Para refletir sobre essa etapa do meu Memorial de Formação e a simbologia do recomeço, faço referência a um trecho do livro *Aprendizados*, da modelo Gisele Bündchen. Nele, ela compartilha sua experiência ao enfrentar crises de ansiedade e ataques de pânico, momento em que precisou desacelerar para cuidar de si. Ela conclui: "Mas, quando ela reviveu, estava muito mais feliz, mais consciente e muito mais saudável. Ela tinha aprendido sobre o sofrimento e sobre os muitos presentes que ele pode trazer, também havia descoberto que os momentos sombrios das nossas vidas podem ser nossos melhores professores." (Bündchen, 2018, p. 82).

Da mesma forma, ao olhar para trás, percebo que cada desafio que enfrentei foi um degrau na construção de quem sou hoje. O sofrimento esteve presente, mas não permiti que ele se tornasse uma muleta para me vitimizar. A cada obstáculo, escolhi enfrentá-lo, aprendendo e me fortalecendo ao longo do caminho. Assim, pude recomeçar, tornando-me uma nova eu, uma nova mulher, uma nova mãe. Acredito que, para Deus, nada acontece em vão. O que realmente importa não são apenas os desafios que enfrentamos, mas a forma como escolhemos lidar com eles, pois é isso que molda quem somos e o nosso futuro.

4 A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE: O CAMINHO PARA ME TORNAR EDUCADORA

Nesta seção irei narrar como se deu o início na graduação em Pedagogia, alguns dos desafios que encontrei durante os períodos e as experiências nos estágios obrigatórios, assim como as experiências que tive no início do exercício da profissão e os caminhos que percorri para chegar ao ponto que estou profissionalmente.

A trajetória no curso de Pedagogia começou em um momento desafiador. Como já mencionei, iniciei a graduação no auge da pandemia de COVID-19, e em meio a um processo de separação. As aulas eram no formato remoto, embora essa modalidade de ensino não fosse a preferência, hoje percebo que, dadas as circunstâncias em que me encontrava, foi um verdadeiro presente. Poder assistir às aulas de casa, sem precisar me preocupar com quem cuidaria dos meus filhos, foi um alívio em meio a tantas incertezas.

Ainda assim, essa fase inicial não foi simples para mim. Além de já estar há algum tempo afastada dos estudos, meu emocional ainda estava profundamente abalado pela separação. No entanto, vejo a entrada na universidade e a escolha por Pedagogia como instrumentos que Deus usou para ocupar minha mente e trazer cura para minha alma. Cada aula representava um novo aprendizado, um mundo de descobertas. No início, tive muita dificuldade em me concentrar. Muitas vezes, assistia às aulas chorando, lembrando da realidade que me encontrava. Em outras, me via tomada pela angústia ao tentar estudar sem conseguir absorver o conteúdo. Lembro-me de interromper os estudos inúmeras vezes para me ajoelhar e orar, pedindo a Deus que me ajudasse a entender aquilo que estava tentando aprender. E não é exagero ou meme, acontecia de verdade.

Foi ainda no primeiro período que tive a certeza de que havia feito a escolha certa ao optar por Pedagogia. Todas as disciplinas eram importantes, mas as aulas de Psicologia da Educação I, ministradas pela professora Herli, marcaram-me profundamente. O conteúdo era fascinante, e a forma como ela ensinava me trazia calma em meio ao turbilhão de sentimentos que eu carregava. Uma frase, de Leonardo Boff, que ela mencionava “todo ponto de vista é a vista de um ponto”, ressoava em mim de maneira especial. Essa perspectiva me trouxe alívio, ajudando-me a entender que eu não precisava estar certa o tempo todo, nem buscar a perfeição em tudo. Além disso, me deu mais segurança para contribuir nas aulas sem medo de julgamentos. Foi um aprendizado essencial logo no início da minha jornada acadêmica.

4.1 Os desafios da jornada acadêmica e as primeiras experiências profissionais

O segundo e o terceiro períodos da universidade, seguiram ainda no formato remoto, e, apesar das dificuldades, continuei me esforçando ao máximo. Enquanto as escolas já retornavam ao ensino presencial, a universidade permanecia no modelo online. Foi durante o terceiro período que surgiu a oportunidade de um estágio remunerado. Me inscrevi, participei do processo seletivo e fui aprovada. Assim, iniciei minha jornada como estagiária no Serviço Social da Indústria (SESI), atuando primeiro com uma turma de Jardim II e, posteriormente, com uma turma de Maternal.

O estágio trouxe novos desafios. Além de precisar sair de casa e deixar meus filhos, agora precisava conciliar o trabalho com os estudos. Como as aulas da universidade ainda eram remotas, a adaptação foi um pouco mais tranquila, mas o cansaço era inevitável. Manter a atenção e cumprir todas as atividades acadêmicas exigia esforço e disciplina.

Trabalhar fora de casa novamente, depois de alguns anos, foi uma experiência transformadora. No início, tudo parecia novo, mas sempre me esforcei para dar o meu melhor. Mesmo como auxiliar, observava atentamente e buscava ser o mais proativa possível no apoio às professoras. Fazia o que fosse necessário, pois sabia que estava começando de baixo e que todo aprendizado era valioso para minha trajetória profissional.

Tive a oportunidade de aprender muito com as professoras que auxiliei, especialmente com a professora do Maternal, Tia Shamylla, por quem desenvolvi grande admiração. Sua orientação foi essencial para meu crescimento e adaptação ao ambiente escolar.

Durante esse período, também tive contato com crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). No Jardim II, auxiliava duas crianças, mas foi no Maternal que tive uma experiência ainda mais próxima. Fiquei responsável pelo pequeno Samuel, que demandava atenção e cuidados constantes. Como a cuidadora dele demorou a chegar, fui designada para essa função e, mesmo após sua chegada, continuei acompanhando Samuel até o meu desligamento da empresa. Samuel, tinha três anos quando começou a ir à escola, ainda era muito bebê. Ele tinha o costume de pegar na orelha das pessoas e ficar acariciando. Quando se estressava em sala, pedia colo e ficava acariciando a minha orelha até dormir, fazia isso quase todos os dias no início da sua adaptação escolar. Desenvolvi um carinho especial por ele, e essa experiência despertou meu interesse por essa área. Desde então, penso em aprofundar meus estudos sobre o TEA e, futuramente, me especializar. Acredito que todo professor deveria ter essa formação para melhor atender as crianças neurodivergentes e garantir uma educação mais inclusiva.

Figura 5. Samuel e eu



Fonte: Acervo Pessoal

No nono mês do estágio, recebi uma proposta para trabalhar como professora regente em uma escola do meu bairro, a mesma onde minha filha estudava. Foi uma decisão que tive que ponderar, mas percebi que essa mudança seria o melhor para mim naquele momento. As aulas na universidade estavam prestes a retornar ao formato presencial e, como dependia do transporte público, a locomoção se tornaria ainda mais difícil. Não conseguiria ir para casa no horário do almoço e passar o dia inteiro longe dos meus filhos não era uma opção. Aceitar esse novo emprego me permitiria chegar em casa no limite do horário, mas ao menos conseguiria levar minha filha comigo.

Assim, abri mão do estágio, levando comigo o aprendizado e as amizades construídas naquele período tão importante. No entanto, a nova oportunidade também trazia desafios. A remuneração era praticamente a mesma do estágio, pois, como só poderia trabalhar um turno, não recebia o salário completo. Além disso, o trabalho era informal, sem registro em carteira, realidade comum para muitos trabalhadores da nossa região.

Iniciava-se, então, mais um ciclo desafiador. Estava no quinto período da faculdade e começando a frequentar as aulas presenciais. A rotina era intensa: saía de casa por volta das seis horas da manhã para não correr o risco de perder o ônibus, pois o transporte público da cidade tinha muitos problemas, incluindo longos intervalos entre um veículo e outro. Assistia às aulas na universidade, mas precisava sair um pouco antes do término para pegar o ônibus de volta e não me atrasar para o trabalho.

Chegava em casa perto do meio-dia e, sem perder tempo, organizava o almoço e preparava minha filha para sairmos juntas. Às 13h15, já estávamos na escola, que ficava a cerca de quinze minutos de caminhada de casa. O expediente terminava às 17h30, e eu voltava para casa trazendo ela filha comigo. Apesar das dificuldades, uma das grandes vantagens desse emprego era justamente essa: poder trabalhar perto de casa e estar mais próxima dos meus

filhos. Essa foi nossa rotina diária por um tempo, uma maratona cansativa, mas que me permitia equilibrar, da melhor forma possível, o trabalho, os estudos e a maternidade.

Como professora, assumi a turma de Jardim I, com crianças de quatro anos. Estava empolgada, pois além de ser uma experiência nova, era também uma oportunidade única de conciliar o exercício da profissão com a graduação em andamento. Poder aliar teoria e prática era um privilégio, e muito do que aprendia na universidade eu conseguia observar e aplicar em sala de aula. Desde o início, compreendi que a afetividade seria uma grande aliada no trabalho com as crianças. Algumas vezes, era necessário ser firme, mas sempre acreditei no poder de uma conversa feita com carinho e respeito. A turma era considerada a mais "trabalhosa", e de fato, algumas crianças exigiam mais atenção. No entanto, nunca tive grandes problemas com elas. Crianças são naturalmente cheias de energia, e cabe a nós, professores, entender e direcionar essa energia da melhor maneira possível.

Além de aprender, também pude contribuir com a escola, trazendo algumas práticas que conheci durante meu estágio anterior. Aprendi a fazer o planejamento com a professora que me orientou no SESI, e, ao perceber a necessidade, sugeri a implantação de um relatório de desenvolvimento individual das crianças. Embora a ideia tenha sido inicialmente vista com resistência por algumas colegas, pois representava um novo trabalho a ser feito, a gestão acolheu a proposta. No meu caso, senti a necessidade desse relatório para registrar o comportamento de algumas crianças que precisavam de um olhar mais atento e de possíveis encaminhamentos.

A rotina em sala de aula era gratificante. Celebrava cada conquista dos meus alunos e me comovia com as dificuldades que alguns enfrentavam. Um deles, em especial, tocou meu coração: um menino que havia perdido a mãe recentemente e estava sendo criado pela avó, enquanto o pai morava longe. Muitas vezes, ele falava da mãe como se ela ainda estivesse esperando por ele em casa, e isso me sensibilizava profundamente. Acredito que Deus nos coloca em determinados lugares para sermos instrumentos de bênção na vida das pessoas, e, como professores, temos a missão de fazer a diferença na vida de nossos alunos.

4.2 Estágios supervisionados e sua contribuição para a formação docente

A partir do sexto período, a rotina ficou ainda mais intensa. Com o início do estágio obrigatório, precisei me reorganizar para dar conta de mais uma demanda. Essa vivência foi essencial, pois me permitiu enxergar de perto diferentes realidades e desafios da profissão,

conectando a formação acadêmica com a experiência pessoal. Cada momento no estágio contribuiu para o meu crescimento, tornando-se uma etapa enriquecedora na construção da identidade profissional. Como determina a Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008:

Estágio é ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa a preparação para o trabalho produtivo de educandos que estejam frequentando o ensino regular em instituições de educação superior, de educação profissional, de ensino médio, da educação especial e dos anos finais do ensino fundamental, na modalidade profissional da educação de jovens e adultos (Brasil, 2008, p. 1).

Por isso, é fundamental que as instituições de Educação Superior incluam em suas grades curriculares a oportunidade de Estágio Supervisionado. Essa experiência, quando acompanhada de um suporte pedagógico adequado, contribui significativamente para a formação acadêmica dos estudantes, garantindo que seja uma vivência enriquecedora e proveitosa para o seu aprendizado. Enfatizo a obrigatoriedade para a formação do graduando, destacando o que determina a Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008. Em seu artigo 2º, parágrafo 1º, a legislação estabelece que o “estágio obrigatório é aquele definido como tal no projeto do curso, cuja carga horária é requisito para aprovação e obtenção de diploma”. (Brasil, 2008)

O primeiro Estágio Obrigatório foi na área de Gestão em Sistemas Educacionais e Unidades Escolares. O desafio inicial foi encontrar dias disponíveis para cumprir a carga horária, já que as manhãs eram ocupadas com as aulas da universidade e as tardes com o trabalho. A solução encontrada foi dedicar a quinta-feira ao estágio, pois era o dia reservado para essa disciplina, e escolher um segundo dia em comum acordo com meus colegas. Isso significava que, inevitavelmente, eu teria que faltar a algumas aulas da graduação. Para minimizar esse impacto, alternava os dias de ausência entre as disciplinas, garantindo que nenhuma fosse prejudicada por faltas frequentes. Felizmente, meus colegas sempre compreenderam minha rotina e me apoiaram muito ao longo dessa caminhada, algo pelo qual sou extremamente grata.

Realizamos nosso estágio no Centro de Ensino Governador Archer, uma escola estadual que atende turmas do Ensino Médio do 1º ao 3º ano nos turnos matutino e vespertino. Desde o início, fomos bem recebidos pela gestão e pelos demais funcionários, que se mostraram receptivos e solícitos. Ao observarmos a estrutura da escola, percebemos que, apesar de apresentar boas condições, alguns desafios estavam presentes, especialmente a adaptação ao Novo Ensino Médio. Durante nossas conversas, tanto a gestão quanto os professores

manifestaram insatisfação e dificuldades em relação à implementação da nova proposta educacional.

Nosso estágio foi dividido em duas etapas: a diagnose e a execução da proposta de intervenção. Durante a fase diagnóstica, contamos com o apoio da gestão para compreender melhor o funcionamento da escola e o trabalho administrativo. Por meio de diálogos com a equipe gestora, professores e alunos, estruturamos nossa proposta de intervenção, intitulada "Universidade para Todos", com o objetivo de apresentar as formas de ingresso nas universidades públicas da cidade. Como parte do projeto, organizamos uma visita com duas turmas do 3º ano do Ensino Médio às instituições de ensino superior de Imperatriz: a Universidade Federal do Maranhão (UFMA) e a Universidade Estadual da Região Tocantina (UEMASUL).

A primeira parada foi na UFMA, onde os estudantes assistiram a uma palestra ministrada por uma discente do curso, no qual ela compartilhou sua experiência sobre a preparação para o vestibular e sua trajetória até a universidade, esclarecendo dúvidas sobre o processo de ingresso. O encontro proporcionou um momento enriquecedor, e foi gratificante ver o entusiasmo dos alunos ao absorverem essas informações.

Figura 6. Visita à UFMA no estágio em Gestão



Fonte: Acervo Pessoal

Em seguida, seguimos para a UEMASUL, contando com o transporte disponibilizado pela UFMA para facilitar o deslocamento. Na UEMASUL, fomos calorosamente recebidos e tivemos um momento de conversa com representantes da instituição. Posteriormente, os estudantes foram divididos em grupos para realizar um tour pelo campus, conhecendo laboratórios, salas de aula e demais instalações. A empolgação dos alunos ao explorar o

ambiente acadêmico, interagir com professores e universitários e esclarecer dúvidas sobre os cursos foi inspiradora. Durante essa experiência, fui tomada por um breve "flashback" do meu próprio desejo de ingressar no Ensino Superior e das memórias do período em que cursei Ciências Biológicas.

Todo o estágio foi uma experiência enriquecedora de forma que percebi que a Pedagogia oferece inúmeras possibilidades que vão muito além da sala de aula. Entretanto, o cerne dessa profissão é o trabalho com a educação e com as pessoas, tornando-a profundamente humana. Acompanhamos o desenvolvimento dos indivíduos desde a Educação Básica até o Ensino Superior, não apenas em seu desempenho acadêmico, mas também em seu crescimento pessoal e emocional. Isso reforça ainda mais a convicção de que contribuir para a educação significa também contribuir para a formação do caráter e da cidadania.

No sétimo período da universidade, iniciei o Estágio em Docência em Educação Infantil. A rotina continuava cansativa, mas desta vez o desafio era a distância, pois a escola onde faríamos o estágio ficava mais longe, exigindo que eu pegasse dois ônibus para chegar até lá. A organização dos horários seguiu um modelo semelhante ao do estágio anterior, distribuindo os dias de forma equilibrada para evitar faltas em uma única disciplina. No entanto, nesse período, também cursei algumas disciplinas no turno da noite, o que tornou a rotina ainda mais exaustiva. Apesar disso, foi um esforço necessário, pois as matérias de que eu precisava não foram ofertadas pela manhã, e eu não queria atrasar minha formação.

O Estágio foi realizado na Escola Municipal de Educação Infantil Jair Rosignoli, uma instituição referência no segmento. Assim como no estágio em gestão, este foi dividido em duas etapas: diagnose e regência. Desde o início, fomos bem recebidas pela equipe gestora e direcionadas à sala onde atuaríamos. Inicialmente, éramos uma dupla, mas, posteriormente, uma colega se juntou a nós, formando um trio. Nossa observação foi feita em uma turma de Berçário, mas, devido ao fato de uma das colegas ter observado o Jardim II, tivemos que dividir as horas de regência entre as duas turmas.

A experiência no Berçário foi uma novidade para mim. As crianças eram bebês, e muitos ainda não falavam. Confesso que não me identifiquei tanto com essa faixa etária. Apesar de amar o carinho das crianças e de já ter experiência como mãe, dar aula para bebês era algo que eu não concebia muito bem. No entanto, realizamos a observação com atenção e, com o apoio da professora, conseguimos organizar e executar nosso plano de aula. Embora nem tudo tenha saído exatamente como planejado, pois com crianças pequenas sempre há imprevistos, buscamos tornar as atividades lúdicas e simples, tornando esse momento bastante proveitoso.

A segunda parte da regência ocorreu na turma do Jardim II, que havia sido observada por nossa colega. Como não conhecíamos bem a dinâmica da turma, ela nos orientou no planejamento das aulas. A experiência foi enriquecedora, pois as crianças eram animadas, participativas e demonstravam grande interesse nas atividades propostas. A turma era um pouco maior do que eu estava acostumada, o que reflete a realidade das escolas públicas. Dentre as atividades que realizamos com as crianças, começávamos com uma roda de conversa, música e contação de história. Uma das histórias contadas foi a da Chapeuzinho Amarelo de Chico Buarque, que até me emocionei pois a história falava do medo de um lobo que só existia na mente da Chapeuzinho e para mim figurava o medo que sentia de pilotar moto, naquele dia, exatamente, tinha sido a primeira vez que fui à escola pilotando sozinha.

Figura 7. Jardim II Estágio em Docência na Educação Infantil



Fonte: Acervo Pessoal

Durante esse período, dois casos chamaram a atenção: um aluno com Transtorno do Espectro Autista (TEA), que tinha pouca interação e comunicação com os colegas. Cada participação dele era celebrada por nós, pela professora e pela cuidadora, o que tornava os momentos ainda mais especiais. O outro caso curioso foi de uma criança com mutismo seletivo, algo que até então eu desconhecia. Ele não falava na escola e, segundo a professora, raramente se comunicava em outros ambientes. No entanto, enviava áudios para a professora normalmente. Os pais explicaram que ele não gostava da própria voz, o que seria a justificativa para o seu silêncio. Essa experiência me fez refletir sobre como, na educação, nos deparamos constantemente com diferentes histórias e desafios. A sala de aula, apesar de pequena, abriga uma grande diversidade de realidades.

O estágio em Educação Infantil foi uma experiência de aprendizado ímpar. Proporcionou um novo olhar sobre a dinâmica do trabalho em sala de aula, a realidade de uma escola municipal e os desafios de lidar com turmas numerosas. Pude perceber com mais clareza

as diferenças entre as faixas etárias e as metodologias adequadas para cada uma delas, conforme orientações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). O convívio com as crianças e o apoio das professoras, que compartilharam conosco suas vivências, foram extremamente enriquecedores. Além disso, ficou evidente como o trabalho se torna mais eficiente quando há uma gestão ativa e comprometida ao lado dos professores.

A última experiência com estágio foi nos Anos Iniciais, durante o oitavo período da faculdade. Esse estágio foi realizado na Escola Municipal Paulo Freire, uma instituição que atendia desde a Educação Infantil até os anos finais do Ensino Fundamental, além da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no turno da noite. A escola possuía uma ótima estrutura física, mas, como ocorre em grande parte das escolas públicas, enfrentava desafios significativos, como a escassez de recursos e a desmotivação de alguns professores. As salas de aula eram lotadas, com alunos em diferentes níveis de aprendizagem, o que tornava o trabalho docente ainda mais desafiador. Para atender às diversas necessidades dos estudantes, os professores precisavam constantemente se reinventar.

Fomos encaminhadas para uma turma de terceiro ano, uma sala bastante cheia e com um espaço pequeno, considerando a quantidade de alunos. No grupo, poucas crianças liam com fluência, enquanto outras ainda estavam no processo de leitura de formação de palavras simples. Durante a diagnose, observamos tanto o trabalho da professora quanto a maneira como as crianças se comportavam e interagiam com as aulas. Foi mais um choque de realidade, despertando sentimentos conflitantes típicos da formação docente: de um lado, a incerteza "onde estou me metendo?" e, do outro, a determinação "eu preciso fazer diferente."

Diante das dificuldades na leitura, seguir o livro didático se tornava um desafio. Por isso, a professora, na maioria das vezes, buscava atividades mais simples, adaptadas ao nível dos alunos. Além disso, realizava treinos de leitura no quadro e também individualmente, utilizando uma apostila que ela mesma havia preparado. Durante as atividades do livro, a professora realizava a leitura e, em seguida, copiava as respostas no quadro para que os alunos apenas as reproduzissem.

Percebi que faltava autonomia por parte das crianças para responderem às questões, pois já estavam tão acostumadas com essa prática que sequer tentavam pensar nas respostas por si mesmas. No entanto, não atribuo a culpa à professora, afinal, trabalhar sozinha com trinta alunos em sala, além de planejar e adaptar atividades para diferentes níveis de aprendizagem, é um grande desafio. Infelizmente, algumas áreas podem acabar ficando em segundo plano devido à complexidade dessa tarefa.

Após o período de observação, iniciamos o planejamento das aulas. Contamos com o apoio da professora, que, gentilmente, nos forneceu os materiais de estudo e compartilhou informações sobre cada criança, facilitando nosso trabalho. Éramos três estagiárias, o que tornava mais dinâmica tanto a elaboração das aulas quanto a regência em si, pois uma auxiliava a outra. Sempre buscamos criar aulas lúdicas e atrativas para os alunos e, particularmente nas minhas aulas, era uma “bagunça”, no melhor sentido da palavra. Começávamos reorganizando as cadeiras, rompendo com o padrão habitual das filas que pareciam engessar as crianças.

Uma das principais intenções ao ministrar as aulas era estimular a autonomia dos alunos, incentivando-os a pensar e a não esperar passivamente pelas respostas da professora. Além disso, trabalhei a interação entre os colegas, uma vez que a turma apresentava muitos grupinhos. Procurei promover dinâmicas que incentivassem a socialização entre diferentes alunos, rompendo essas barreiras.

Figura 8. Turma do terceiro ano Estágio Anos Iniciais



Fonte: Acervo Pessoal

Propus atividades em grupo nas quais as próprias crianças organizavam o trabalho, elegendo um líder responsável por distribuir as tarefas. Uma delas foi sobre a Semana do Meio Ambiente, eles precisavam confeccionar um cartaz com diversos objetos e seu tempo de decomposição no solo. Eles adoravam essa dinâmica. Outra estratégia foi formar duplas compostas por um aluno com leitura fluente e outro com dificuldades, para que um pudesse ajudar o outro. Nosso objetivo no estágio não era desconstruir o que já estava sendo trabalhado com eles, mas sim mostrar que havia outras possibilidades de ensino e aprendizagem.

Todos os dias, iniciava a aula lendo uma fábula para as crianças. Elas gostavam tanto que aguardavam ansiosas e, quando demorava, logo perguntavam. Estar ali foi uma experiência gratificante e enriquecedora, apesar dos desafios. Nem sempre tudo saía como planejado, mas o carinho das crianças fazia tudo valer a pena.

Os estágios obrigatórios foram fundamentais para minha formação, proporcionando contato com diferentes realidades da educação em escolas municipais. São contextos que poderiam ser melhores, mas essa é uma discussão mais ampla. No entanto, também me trouxe alegria encontrar gestores e professores comprometidos com uma educação de qualidade. Apesar das dificuldades, fazem o possível para oferecer o melhor aos seus alunos.

4.3 Desafios e conquistas na minha trajetória profissional

Paralelamente aos estágios, eu conciliava a rotina da universidade, do trabalho e das responsabilidades em casa. Enfrentei muitos conflitos, pois, estando na metade do curso, já sentia um grande cansaço mental devido às exigências da minha realidade. Como em toda mãe, o sentimento de culpa era constante, o desejo de fazer sempre o melhor, mas nem sempre conseguir dar conta de tudo. E, em mim, essa culpa parecia triplicar. Sentia-me frustrada por não conseguir dedicar a atenção que meus filhos precisavam, por não ter ânimo e energia para cuidar da casa como gostaria. Os trabalhos da universidade eram feitos durante a madrugada, o que me privava de sono. Foi um período tão desgastante que cheguei a perder peso.

Em 2023, quando iniciei o estágio, já não trabalhava mais com Educação Infantil, fui alocada para uma turma de terceiro ano. A princípio, achei que seria mais difícil, mas, surpreendentemente, foi a série com a qual mais me identifiquei. A turma era pequena, com apenas sete alunos, cinco meninas e dois meninos, mas, mais uma vez, me deparei com crianças que precisavam de uma atenção mais específica. Três desses alunos exigiam um trabalho diferenciado e direcionado.

A escola não oferecia suporte para identificar possíveis dificuldades ou deficiências que as crianças pudessem ter. No entanto, através de conversas com os pais, conseguimos prestar uma melhor assistência e apontar aspectos que precisavam ser analisados. Com esse acompanhamento e a colaboração das famílias, obtivemos avanços significativos no aprendizado dos alunos.

Na primeira semana com a turma, durante a semana diagnóstica, realizei um ditado de palavras simples, alternando o grau de dificuldade para avaliar até que ponto as crianças dominavam a leitura e a escrita. Ao corrigir a atividade, percebi que alguns alunos se saíram bem, outros apresentaram desempenho razoável, um sequer tentou, e um deles chamou a atenção. Ele conseguia escrever palavras familiares, como "bola" e "casa", mas, diante de palavras mais complexas, como "janela", ele inseria letras aleatórias, sem nexos, apenas por

escrever. Ao analisar seu nível de escrita com base nos estágios de desenvolvimento propostos por Ferreiro e Teberosky, identifiquei que ele se encontrava no nível silábico. Nesse estágio, a criança começa a compreender que as palavras são formadas por unidades menores, as sílabas. Inicialmente, pode representar cada sílaba com letras aleatórias, sem uma correspondência clara com os sons, e, em seguida, passar a utilizar letras que possuem algum valor sonoro, representando um dos fonemas da sílaba. (Ferreiro e Teberosky, 1999)

Nesse período comecei a cursar a disciplina de Fundamentos e Metodologias de Alfabetização e Letramento, ministrada pela professora Dijan Leal. Estudar essa disciplina ao mesmo tempo em que trabalhava com esse aluno foi essencial para o desenvolvimento do meu trabalho com ele. Ao longo do curso, adquiri conhecimentos fundamentais para auxiliá-lo em seu processo de aprendizagem. Isso despertou meu interesse em aprofundar meus estudos sobre consciência fonológica e alfabetização, cheguei a cogitar abordar esse tema no meu TCC, mas, apesar de ter desistido da ideia para esse momento, mantenho o desejo de desenvolver uma pesquisa sobre o assunto futuramente.

Trago um adendo a esse período em que cursei esta disciplina. Período em que percebi algumas das características da Psicogênese da escrita na fase de introdução da leitura e escrita da minha filha. Onde inicialmente ela usa as garatujas, imitando a escrita cursiva, na imagem estava escrevendo um bilhete para um amigo; em seguida, representa o nível pré-silábico, onde faz uso de letras sem correspondência com seus respectivos sons; por fim, escreve a palavra “titia” quando dito para ela as letras, mas no fim ela lê “titia, Samae”, caracterizando ainda o nível pré-silábico. Observações que foram feitas durante as aulas e compartilhadas com a professora e a turma através dos registros que havia feito. Ressalto que esses registros são anteriores ao meu ingresso no curso de Pedagogia.

Figura 9. Escrita Déborah



Fonte: Acervo Pessoal

Reitero que durante o ano letivo, o aluno mencionado anteriormente se tornou objeto de estudo para um trabalho da disciplina. No entanto, mais do que uma pesquisa acadêmica, acompanhar sua evolução foi uma experiência gratificante. Cada pequena conquista e avanço me enchia de alegria. Em determinado momento, sugeri que ele trocasse de reforço escolar, pois, até então, a professora do reforço apenas fazia as atividades de casa por ele, sem estimulá-lo de fato. Com a parceria de um novo reforço no contraturno, seu progresso foi notável. Era evidente que ele possuía alguma dificuldade cognitiva, o que levou seus pais a buscarem acompanhamento especializado. No entanto, a forma como sua aprendizagem vinha sendo conduzida até então acabava por prejudicá-lo ainda mais. Contribuir positivamente para o aprendizado desse aluno foi uma das experiências mais marcantes do meu trabalho. Torço para que ele continue evoluindo e recebendo o suporte necessário para seu desenvolvimento.

Havia outro aluno na turma que também apresentava dificuldades. Ele era o mais velho da classe e, embora não soubesse exatamente o motivo, suspeitava que questões familiares tivessem contribuído para seu atraso em relação aos colegas. Sempre que precisava lidar com um conteúdo que exigia mais esforço cognitivo, ele se frustrava e resistia em fazer as atividades. Apesar disso, tinha muita facilidade com matemática e cálculos, mas sua dificuldade com a leitura impunha várias limitações. No início, fiquei um pouco assustada quando ele dizia: "Tia, tem uma raiva aqui na minha cabeça!" Eu não compreendia bem o que ele queria expressar, mas percebi que essas falas surgiam sempre que ele se via em uma situação desafiadora, seja em uma atividade escolar ou em um conflito com um colega.

Uma situação, ao mesmo tempo, foi engraçada e preocupante aconteceu quando seu livro desapareceu. Procurei pela sala, perguntei aos colegas e até à mãe dele, ela confirmou que o livro não estava em casa. Então, chamei-o para uma conversa e, de forma firme, pedi para trazer o livro no dia seguinte. E ele trouxe, mas o livro estava todo molhado, com a capa rasgada. Curiosa sobre o que havia acontecido, perguntei e ele, sem hesitar, contou que havia enterrado o livro no quintal. Ao questioná-lo sobre o motivo, ele explicou que sua mãe se estressava e batia nele ao tentar ensiná-lo as tarefas de casa. De fato, a mãe tentava acompanhá-lo nos estudos, mas, pelos relatos do próprio aluno, parecia haver alguma desestrutura familiar. Não posso afirmar com certeza, mas essa foi a impressão que tive.

Com o tempo, consegui conquistar a confiança tanto dele quanto da mãe. Ela compartilhava comigo o carinho com que ele falava sobre mim e como se alegrava com pequenos gestos, como tirar uma simples foto, algo que, segundo ela, ele nunca fazia, mas

comigo fazia questão. Também me presenteava e, mesmo depois de eu deixar de ser sua professora, enviava vídeos e mensagens de agradecimento. Saber que meus esforços estavam fazendo a diferença, ainda que sem perceber completamente no momento, enchia meu coração de alegria.

No geral, trabalhar com essa turma foi uma experiência muito gratificante. As meninas, sempre carinhosas, acabavam se envolvendo até na minha vida pessoal sem perceber. Como eu era solteira, divertiam-se fazendo brincadeiras sobre o professor de Educação Física, que era meu amigo. Nessa faixa etária, até as conversas mais simples exigem maturidade por parte do professor, pois as crianças falam sobre tudo. Precisamos ter sabedoria para orientá-las da melhor maneira possível. Um dos projetos que realizei com a turma foi, a *Leitura Nosso Superpoder*, durante duas semanas eles levariam a pasta com um livro e atividades sobre a leitura do livro. Me surpreenderam com o empenho em realizar e o desejo de continuar lendo a partir daí, mesmo se fosse com auxílio, no caso das crianças que ainda não liam com fluência.

Figura 10. Turma do Terceiro ano do Ensino Fundamental



Fonte: Acervo Pessoal

Um dos desafios pessoais mais marcantes que enfrentei nessa época foi aprender a pilotar moto. Eu já era habilitada desde 2021 e tinha uma moto, mas simplesmente não andava. O processo para conseguir a habilitação já havia sido, para mim, um verdadeiro milagre (tom de humor). Até o pessoal da autoescola se surpreendeu com minha aprovação de primeira, já que nunca havia conseguido fazer o percurso completo durante as aulas. O que me ajudou foi meu gosto por estudar, quatro dias antes da prova, decorei todo o trajeto e passei horas assistindo a vídeos com dicas. Durante as aulas práticas, eu só caía, e um dia antes da prova, desisti da aula, apenas chorei e orei. Mas fiz o que estava ao meu alcance: estudei. No dia seguinte, para a glória de Deus, fui aprovada! Não recomendo essa estratégia para ninguém, mas, no meu caso, foi o que funcionou, e acredito no meu milagre.

Apesar de ter a habilitação, a ideia de sair sozinha e encarar o trânsito me aterrorizava. Chorava só de pensar nessa possibilidade. No entanto, diante da rotina puxada que eu levava, sabia que precisava vencer esse medo. Era essencial que eu conseguisse pilotar a moto. Amigos já haviam tentado me ajudar, mas, sempre que tentava, acabava paralisando. Então, decidi exercitar a fé e pedi a Deus que colocasse em meu caminho alguém muito paciente, que realmente me ajudasse nesse processo.

Em uma conversa casual, enquanto pegava carona, mencionei o assunto para o cunhado de uma amiga. Ele me contou que já havia ajudado outras pessoas na mesma situação. Brinquei e disse: "Vou te contratar!" O que parecia apenas um comentário desprezível logo se tornou realidade. Conversei com ele e combinamos uma quantidade de aulas e um valor simbólico, pois o que realmente importava para mim era a ajuda.

Durante as aulas, eu ficava extremamente nervosa. Lembro de um dia em que passamos cerca de trinta minutos parados porque eu não conseguia fazer um retorno. A insegurança me travava. Insistia para que ele fizesse por mim: "Só esse retorno, depois eu continuo." Mas ele, pacientemente, me respondeu: "Você faz isso pelos seus alunos quando eles pedem?" Precisei ouvir aquilo. Foi o estímulo que eu precisava, e, logo depois, consegui completar a manobra.

Foi um processo cheio de desafios. Chorei, me estressei, quase derrubei meu instrutor algumas vezes, mas ele foi perseverante. Cheguei a precisar de mais aulas do que o combinado, mas, para minha surpresa, ele recusou qualquer pagamento extra. Disse que, era uma questão de honra me ensinar a pilotar aquela moto. Sou imensamente grata pelo incentivo dele e pela amizade que construímos ao longo desse período.

No final, todo o esforço valeu a pena. Na metade do meu Estágio em Docência na Educação Infantil, já não precisava mais pegar ônibus. Ainda tinha muito receio do trânsito, então mantinha alguns cuidados: saía cedo para evitar congestionamento e voltava para casa no mesmo horário de sempre. Já no estágio nos Anos Iniciais, o desafio foi ainda maior, pois precisava trafegar por uma avenida muito movimentada que eu sempre evitava. Agora, não havia escolha: eu tinha que enfrentá-la todos os dias. Mas, assim como os desafios anteriores, esse também foi vencido!

No início de 2024, mudei de emprego. No ano anterior, em 2023, havia participado de uma entrevista em uma escola renomada de Imperatriz, pertencente a uma rede nacional. Um ano depois, fui chamada para integrar a equipe. Foi uma decisão difícil deixar a escola que me deu a primeira oportunidade, mas precisei considerar a necessidade de um salário melhor e a possibilidade de adquirir experiência em uma instituição de maior porte. Fiquei imensamente empolgada com essa nova fase: meu primeiro emprego formal após tanto tempo. Finalmente

assinei a carteira de trabalho e, atuando em um único turno, receberia o salário integral. Era uma grande conquista! Além disso, poderia me deslocar para a escola pilotando minha moto. Senti-me feliz e orgulhosa de mim mesma.

Fui designada para a Educação Infantil, assumindo uma turma de Maternal II, com crianças de três anos. Foi um novo desafio, pois até então eu havia trabalhado com faixas etárias diferentes. No início, encontrei algumas dificuldades, pois a exigência era maior, e, apesar do número reduzido de alunos, havia duas crianças atípicas na turma. Além disso, comecei o ano sem um auxiliar, o que tornou a rotina bastante intensa. Ainda assim, me encantei com o ambiente da escola. A estrutura era excelente para as crianças, com um parquinho amplo e até um mini sítio com animais que elas podiam visitar. Minhas colegas de trabalho e minha coordenadora também foram um diferencial positivo.

Apesar da mudança de emprego, a rotina continuava agitada. As aulas da universidade, os estágios, os compromissos em casa – tudo exigia adaptação e resiliência. Mas, mesmo diante do cansaço e das responsabilidades acumuladas, eu sempre mantinha o pensamento de que não poderia desistir. Sabia que precisava dar o meu melhor, ainda que esse "melhor" nem sempre estivesse em um nível tão alto quanto eu gostaria. Com o tempo, aprendi a lidar com essa realidade. Já não era mais aquela estudante exigente consigo mesma e preocupada em ter as melhores notas a qualquer custo, mas me conformava e celebrava as pequenas conquistas.

O amadurecimento me trouxe a compreensão de que estava tudo bem, que eu conhecia meu potencial e não precisava me comparar com outras pessoas, mesmo quando pensamentos intrusivos tentavam me desanimar. A rotina puxada muitas vezes era desgastante, mas como eu costumo dizer, meus filhos são os meus motivos, e por eles eu tinha forças quando nem eu queria ter. Nesses momentos, a fé em Deus e o apoio de bons amigos foram fundamentais para me manter firme.

Atualmente, sigo nesse emprego, buscando exercer minha profissão com dedicação e aplicando tudo o que aprendi na universidade, além das experiências adquiridas ao longo dessa trajetória, ainda curta, mas muito significativa para mim. A cada dia, aprendo algo novo e, acima de tudo, aprendo muito com as crianças. Trabalhar em uma rede privada não representa o maior sonho de um professor. Muitas vezes, lidamos com o desrespeito de algumas crianças, o descaso de alguns pais e a desvalorização por parte da gestão. Ainda assim, seguimos firme por aquilo em que acreditamos e, claro, também pela necessidade do sustento.

Essa trajetória, repleta de desafios e aprendizados, reforçou em mim a certeza de que a educação é mais do que uma profissão; é um propósito de vida. Cada dificuldade enfrentada contribuiu para meu crescimento pessoal e profissional, tornando-me mais resiliente, empática

e determinada. Apesar das adversidades, sigo firme no compromisso de oferecer o melhor para meus alunos, sabendo que, mesmo com pequenas ações, posso fazer a diferença em suas vidas.

Ademais, destaco o que Passeggi (2011) expõe: “as histórias de vida e os memoriais constituem práticas de formação em que a autoformação ocupa um lugar central, pois, na rememoração de suas experiências, o sujeito em formação aprende a ler a própria vida e a construir sentidos para sua trajetória.” (PASSEGGI, 2011, p. 373). Ao rememorar experiências e reconstruir trajetórias, ressignificamos nossa formação e compreendemos melhor o processo pelo qual nos tornamos professores. Durante a elaboração deste trabalho, percebi que cada desafio enfrentado e cada conquista obtida fizeram parte de um caminho de amadurecimento não apenas acadêmico, mas também pessoal e profissional. O ato de narrar minha própria história fortalece minha identidade docente e me permite enxergar o impacto da minha trajetória na educadora que estou me tornando. Compreendo assim que a formação docente não se dá apenas nos espaços formais de ensino, mas também na vivência diária, na superação de desafios e no contato com diferentes realidades educacionais. Reconheço que cada experiência, desde a maternidade até os desafios enfrentados na universidade e no trabalho, contribuiu para moldar minha prática pedagógica. Assim, este memorial não marca um ponto final, mas sim um novo começo, pois a formação de um professor é um processo contínuo de aprendizado e transformação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escrita deste Memorial Formação permitiu uma reflexão profunda sobre a minha trajetória acadêmica. As experiências, aprendizados e desafios que a compuseram e contribuíram para a formação da profissional que sou hoje. Ao revisitar minhas memórias refleti de como a educação fez parte da minha vida e como a docência ecoou a minha volta em vários momentos, mesmo que de forma sutil, sempre houve uma tendência vocacional para esta área.

Escrever sobre si mesmo é um processo que exige tempo e profunda autorreflexão. Durante a escrita, surgiram questionamentos internos sobre a relevância do que estava sendo narrado. No entanto, ao ler outras autobiografias, compreendi que compartilhar a própria trajetória significa trazer a público experiências e reflexões que podem inspirar outras pessoas. Ninguém está sozinho em suas lutas, e muitas das dificuldades que enfrentamos podem ser semelhantes às de outros que, por diversas razões, não têm a oportunidade de expressá-las. Nossas superações, portanto, podem servir como impulso e motivação para outrem.

Narro como educação me “salva” em vários momentos: quando me dedicar aos estudos era um escape para mim no meu Ensino Fundamental, como o ambiente escolar era um refúgio no Ensino Médio e um ambiente seguro para deixar meus filhos quando precisei trabalhar e como a graduação foi uma fortaleza no momento de maior dor, me permitindo ressignificar tudo que estava vivendo, me refazendo como mulher e profissional. Discorro sobre meu processo na Educação Básica, as minhas aspirações e frustrações e o desejo de continuar a percorrer o caminho que a Educação proporciona. Meu processo de ingresso na Educação Superior, as tentativas e, finalmente, a inserção no curso de Pedagogia.

Os desafios que encontrei com a maternidade, tendo que conciliar estudos, trabalho e criação de filhos. Ser mãe e estudante exigiu de mim muita resiliência e determinação. Foram inúmeros desafios, mas ser mãe me propiciou ter um olhar mais empático, compreensivo e sensível com o desenvolvimento infantil, que foram essenciais para a prática pedagógica.

As vivências durante a graduação foram essenciais para a construção dos saberes teóricos e práticos. As experiências vividas durante os estágios supervisionados, foram enriquecedores e relevantes, fortalecendo a compreensão sobre o ensino e a importância do papel do professor na formação das crianças e me permitindo maior segurança e preparo para atuar na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Ao olhar para minha caminhada, percebo que talvez eu não tenha tido uma trajetória tão linear no que diz respeito a padrões para uma vida de sucesso. Casei cedo, fui mãe cedo e a graduação veio num período bem controverso, todavia, considero que cada fase da jornada teve

seu propósito e seu próprio tempo. Assim como descrito no texto bíblico em Eclesiastes 3, houve momentos de plantar e de colher, de enfrentar desafios e de celebrar conquistas, de cair e de me reerguer. A maternidade trouxe um tempo de entrega e renúncia, e igualmente de descobertas e fortalecimento. A graduação chegou como um tempo de crescimento e reconstrução, permitindo-me ressignificar dores e desafios. Cada etapa cumpriu sua função na construção da minha identidade como mulher, mãe e educadora.

Ao longo da minha história, reflito o que o cantor Raul Seixas declara ser uma “metamorfose ambulante”, construindo e reconstruindo no decorrer da vida. Uma vida em constante mudança e aprendizado contínuo. E o que um dia eu considerei que jamais faria, ser professora e de crianças, agora considero como uma missão que exige compromisso, aprendizado constante e amor pelo ato da docência.

Desta forma encerro este Memorial de Formação, que descreve um percurso desafiador de uma mulher em seu processo de formação como educadora, que sonha em ampliar seu repertório de experiências com a Educação e contribuição com a mesma. E, por fim, este Memorial é apenas um trecho de uma história que continuará a ser escrita.

REFERÊNCIAS

ARANHA, M. L. **Filosofia da Educação**. 2 ed. São Paulo: Moderna, 1996.

BALTIERI, C. **Trajetória, dificuldades e permanência das mulheres no Ensino Superior**. Rio Claro/SP: Unesp, 2022.

BRASIL. **Lei nº 11.274, de 6 de fevereiro de 2006**. Altera a redação dos arts. 29, 30, 32 e 87 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, dispondo sobre a duração do ensino fundamental. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 7 fev. 2006. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111274.htm> Acesso em: 06 de fevereiro de 2025.

BRASIL. **Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008**. Dispõe sobre o estágio de estudantes e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 26 set. 2008. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111788.htm> Acesso em: 06 de fevereiro de 2026.

BÜNDCHEN, G. **Aprendizados: minha caminhada para uma vida com mais significado**. 10 ed. Rio de Janeiro: BestSeller, 2020.

FERREIRO, E. e TEBEROSKY, A. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

FRIGOTTO, G. **A produtividade da escola improdutiva 30 anos depois**: regressão social e hegemonia às avessas. São Paulo. Trabalho Necessário, Ano 13, Nº 20, 2015.

JOSSO, M.C. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

JOSSO, M.C. **A transformação de si a partir da narração de histórias de vida**. Educação. Porto Alegre/RS, n. 3 (63), p. 413-438, set./dez. 2007.

MORAIS, A.G. **Consciência fonológica na educação infantil e no ciclo de alfabetização**. 1 ed. 2. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

MOURA, J. F. **O Estágio Curricular supervisionado nos cursos de licenciaturas**: experiências e reflexões teórico-práticas. Jundiaí/SP: Paco, 2023.

PASSEGGI, M. C. **Entre a vida e a formação**: pesquisa (auto)biográfica, docência e profissionalização. Educação em Revista, Belo Horizonte, v. 27, n. 1, p. 369-386, abr. 2011.

SOARES, M. **A questão dos métodos**. São Paulo: Contexto, 2016.